

# TROVOADA DE IDEAS

LIVRO DO/A PROFESSOR/A

## RECURSOS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS ACADÉMICO

PARA ESTUDANTES INTERNACIONAIS DOS PALOP

Paulo Feytor Pinto

# ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	3
<b>1. Pluricentrismo da língua portuguesa</b> .....	5
A. Bicentrismo luso-brasileiro .....	7
B. Variantes nacionais do português .....	8
C. Literaturas em português .....	9
<b>2. Sons do português europeu</b> .....	13
A. Compreensão de leitura oral .....	14
B. Sons e letras .....	15
<b>3. Expressões idiomáticas</b> .....	18
A. Estrutura e funcionamento .....	18
B. Expressões idiomáticas portuguesas .....	19
<b>4. Apontamentos</b> .....	22
A. Objetivos, princípios e competências .....	23
B. Escrita simplificada .....	23
C. Exemplo de apontamentos .....	24
<b>5. Textualidade</b> .....	25
A. Princípios de textualidade .....	26
B. Coesão e progressão .....	27
C. Exercício sobre coesão de género, número e pessoa .....	28
D. Exercício sobre coesão de tempo e modo verbal .....	30
<b>6. Tipos de textos</b> .....	32
A. Texto expositivo e texto argumentativo .....	34
B. Exposição oral .....	36
C. Debate .....	37
D. Texto instrucional .....	38
E. Texto multimodal .....	40
<b>7. Produção de géneros textuais escritos</b> .....	44
A. Géneros textuais orais e escritos .....	46
B. Resumo de texto escrito .....	47
C. Texto com várias fontes .....	49
D. Referências bibliográficas .....	60
E. Fichas técnicas e índice .....	62
<b>8. Questionários de autoavaliação</b> .....	65
A. Repertório linguístico .....	66
B. Diagnóstico de dificuldades .....	67
C. Avaliação das atividades .....	68
<b>Bibliografia</b> .....	69

## INTRODUÇÃO

O ensino superior português é atualmente o principal destino de **estudantes internacionais oriundos dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa** onde o português é falado, em particular de Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Uma das razões para a escolha de instituições portuguesas por estes estudantes africanos é o facto de a língua de ensino em Portugal ser a mesma língua em que fizeram o ensino básico e o secundário nos seus países de origem, o português, independentemente de ser a sua língua materna, uma língua segunda adquirida na comunidade ou uma língua segunda apenas aprendida na escola. Porém, estes estudantes cedo experimentam inesperadas, insuspeitas e/ou ignoradas **dificuldades de intercompreensão** com a comunidade académica, por serem fluentes em normas africanas do português e por terem pouco contacto anterior com o português europeu falado espontaneamente no quotidiano. As **normas africanas do português**, além de serem variantes estigmatizadas, ainda não se encontram plenamente descritas. Acresce ainda o facto de, durante a sua experiência escolar de 12 anos essencialmente em português, nos países de origem, estes estudantes não terem desenvolvido muitas competências linguístico-comunicativas exigidas pelo ensino superior português. O mesmo se verifica com as competências em inglês e com a literacia digital.

Para estudar e intervir nesta complexa realidade sociolinguística, o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), do ISCTE-IUL, em parceria com a Associação de Professores para a Educação Intercultural (APEDI), em colaboração com o Centro de Estudos em Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC), da Universidade de Coimbra, desenvolveu o **projeto de investigação-ação** *Trovoada de Ideias*<sup>1</sup>, *Inclusão Linguístico-social de Estudantes dos PALOP no Ensino Superior Português*. Os **recursos didáticos** que aqui se apresentam foram produzidos e experimentados no contexto deste projeto, financiado entre 2018 e 2020 pelo Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração, do Alto Comissariado para as Migrações. Eles resultam de grupos focais realizados com estudantes internacionais dos PALOP e seus professores, e da docência de uma **unidade curricular de**

---

<sup>1</sup> *Trovoada de ideias* é o equivalente de *brainstorming* em português angolano. Mais informação sobre o projeto disponível em <https://ciencia.iscte-iul.pt/projects/trovoada-de-ideiasinclusao-linguistico-social-dos-estudantes-dos-palop-no-ensino-superior-portugues/917>.

**Português Académico** lecionada no ISCTE-IUL sob coordenação do Laboratório de Competências Transversais. Trata-se de um conjunto de recursos didáticos sem orientações metodológicas, interdependentes, mas autónomos, para professores/as de Português do ensino superior, em especial em instituições sem graduações em Línguas e Ciências da Linguagem. Por isso, nenhum dos recursos, dirigidos a estudantes internacionais dos PALOP não especialistas em línguas, esgota a abordagem de cada um dos tópicos propostos, privilegiando antes as regularidades básicas da língua portuguesa.

Com os objetivos de contribuir para o aprofundamento de competências de (i) **compreensão oral e escrita do português europeu** e de (ii) **produção oral e escrita de textos académicos**, propõem-se recursos muito diversificados cuja utilização dependerá do enquadramento institucional, como o tempo letivo disponível ou a dimensão da turma, do diagnóstico das necessidades dos estudantes e das opções metodológicas do/a professor/a. Os recursos são imagens e textos digitais, quadros-síntese de conteúdos, textos literários, listas de frases, palavras, abreviaturas e símbolos, descrições de processos, exercícios de completamento de texto, itens de avaliação, enunciados de exames, critérios de avaliação, fichas técnicas de publicações e questionários de autoavaliação cuja utilização permitirá ainda aos/às estudantes aprofundarem o seu conhecimento explícito sobre a **estrutura e o funcionamento das normas africanas e europeia** da língua portuguesa, desenvolvendo atitudes positivas perante a **diversidade e a variação linguística**. Assim, cada um dos oito capítulos inclui um brevíssimo apontamento teórico sobre a matéria em análise, dirigido a professores/as, seguido de um conjunto de recursos a serem utilizados por professores/as e estudantes. O primeiro capítulo é dedicado à diversidade intralinguística do português, os três capítulos seguintes tratam da compreensão oral do português europeu, seguem-se dois capítulos dedicados à leitura e produção de tipos de textos e um sobre a produção escrita de géneros textuais. Por fim, no último capítulo, propõem-se questionários de autoavaliação a preencher pelos/as estudantes. Nos oito capítulos, é proposto um total de **vinte e sete conjuntos de recursos didáticos**.

Por se tratar de uma questão estruturante da *Trovoada de Ideias* e por ser, quiçá, uma reflexão menos difundida entre professores de Português, no primeiro capítulo, dedicado ao pluricentrismo da língua portuguesa, destacam-se sugestões de leitura de cinco itens da bibliografia.

## 1. PLURICENTRISMO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Uma língua é pluricêntrica quando é constituída por **variedades geográficas distintas**, faladas em **diferentes países onde a língua é oficial**. Cada um desses países constitui um centro legítimo de decisão acerca da norma e dos usos da língua, aprovando regulamentação de práticas linguísticas que se aplicam no seu território nacional. Contudo, os países que partilham uma língua oficial poderão partilhar também decisões acerca dessa língua ou poderão ainda assumir as decisões de outro país, tendencialmente, aquele onde a língua teve a sua origem. Neste caso, à diversidade plurinacional da língua não corresponde uma gestão pluricêntrica. Geralmente, as línguas pluricêntricas resultam de processos de colonização (e descolonização) que levaram à expansão da língua muito para além do seu território original. Por isso, muitas línguas pluricêntricas da atualidade são línguas de origem europeia que foram difundidas por todo o mundo durante os últimos cinco séculos, como o espanhol, o francês, o inglês e o português. Todas elas são **línguas globais** que são faladas e escritas de maneiras diferentes em diferentes países do mundo.

Atualmente, há dez centros ou polos administrativos de decisão política oficial acerca do uso da língua portuguesa: **Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste**. No entanto, apesar de haver potencialmente igual número de normas nacionais do português, verifica-se que apenas em Portugal e no Brasil se desenvolveram núcleos de padronização da língua, através, por exemplo, da produção de dicionários e gramáticas, mais ou menos de acordo com as práticas efetivas da respetiva população. Já a descrição de outras normas nacionais do português só se encetou nas últimas décadas, primeiro, do português moçambicano, depois, do português angolano e, mais recentemente, do português santomense.

Dado o contexto político e social de hegemonia europeia em que estas línguas se foram tornando pluricêntricas, observa-se, em todas as comunidades que as falam, a tendência mais ou menos acentuada para fazer perdurar a centralidade da norma da antiga metrópole colonial. Por isso, as variedades dos países que foram colonizados tendem a ser encaradas como formas menos prestigiadas de utilizar as línguas originalmente europeias. Esta **estigmatização das normas emergentes** do Outro verifica-se tanto entre os falantes europeus como, não raro, entre os próprios falantes extraeuropeus da língua pluricêntrica.

Os materiais propostos para este tópico são:

- 1.A. Imagens com listas de línguas e suas variantes disponíveis no corretor ortográfico do Word, cuja análise permite refletir sobre o pluricentrismo de várias línguas (alemão, árabe, espanhol, francês, inglês, mandarim, entre outras) e do português, sobre a existência de corretor de línguas africanas de países não-lusófonos e sobre o funcionamento do corretor ortográfico no processamento eletrónico de textos;
- 1.B. Duas versões de um texto visual com exemplos de variação lexical nos diferentes contextos nacionais em que o português é falado e é língua oficial, e quadro comparativo de

aspectos diferenciadores do português angolano, do português brasileiro e do português europeu, tendo em vista o (re)conhecimento da variação lexical e morfossintática da língua e ainda a distinção entre dois textos visuais, diferentes na configuração, mas iguais no seu significado;

- 1.C. Excertos de obras literárias escritas em português moçambicano, português brasileiro e português angolano, para neles serem identificadas especificidades de cada variante, com o objetivo de caracterizar o português falado em Portugal.

## LEITURAS DE APROFUNDAMENTO

Gonçalves, P. (2013). *O português em África*. Raposo, E.B.P. & outros (orgs). *Gramática do Português, vol. 1*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 157-178

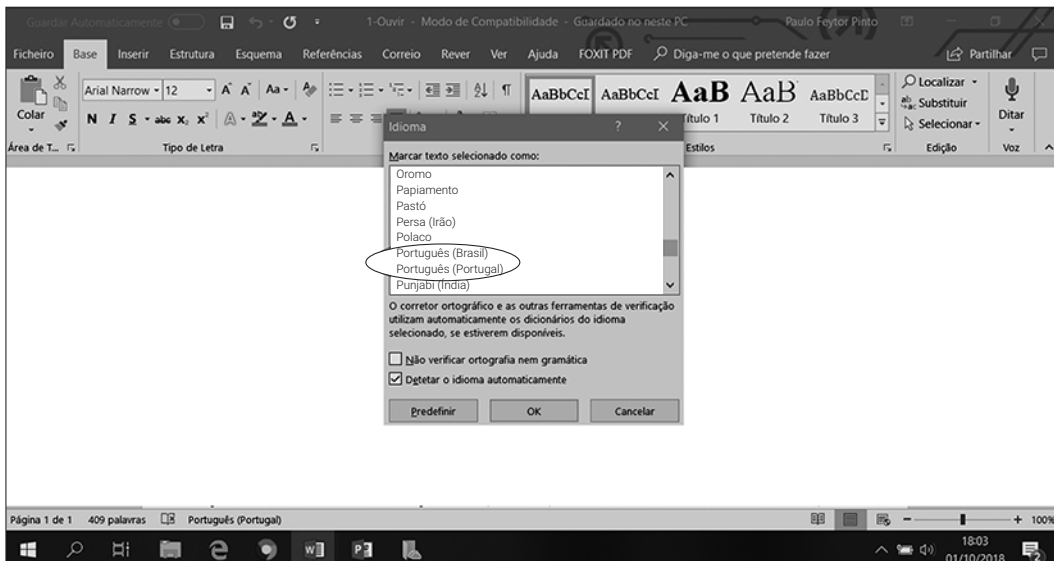
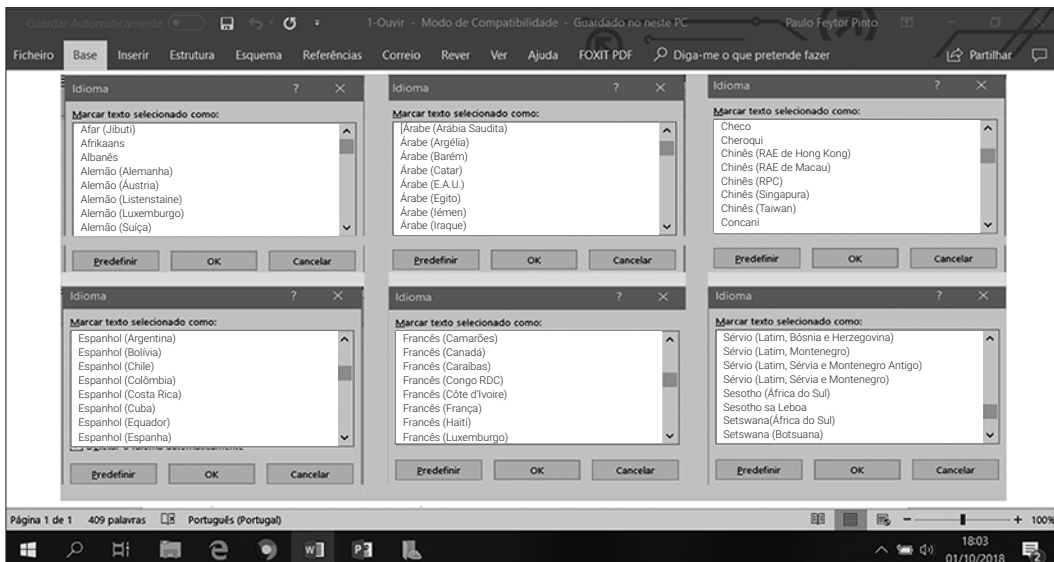
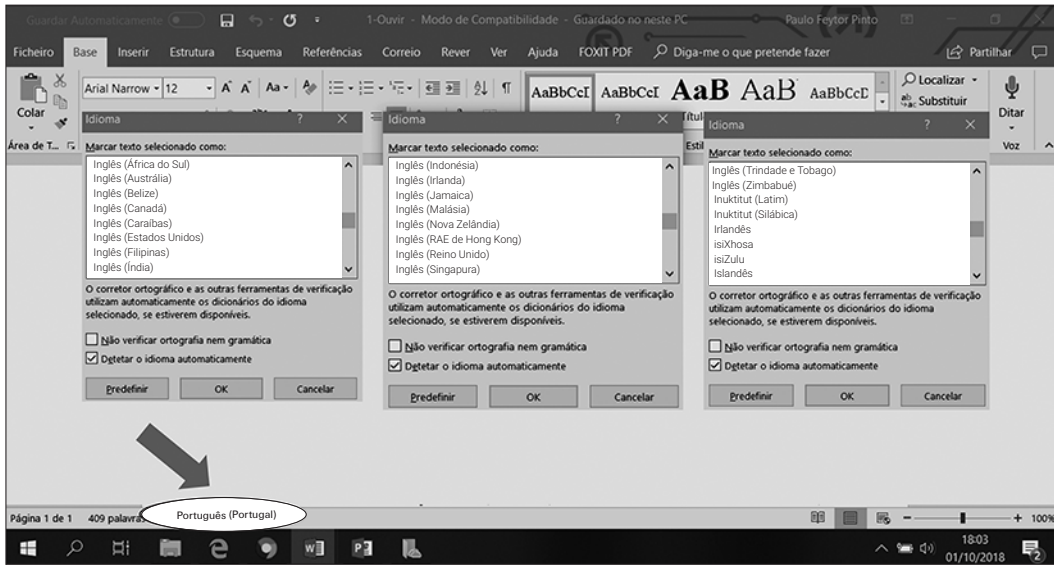
International Working Group on Non-Dominant Varieties of Pluricentric Languages. *What is a pluricentric language?* [www.pluricentriclanguages.org](http://www.pluricentriclanguages.org)

Muhr, R. (2012). *Non-Dominant Varieties of Pluricentric Languages. Getting the Picture: In Memory of Michael Clyne*. Frankfurt: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag der Wissenschaften.

Oliveira, G.M. (2016). *O sistema de normas e a evolução demolinguística da língua portuguesa*. Álvarez, M.L.O. e Gonçalves, L. (orgs.). *O Mundo do Português e o Português no Mundo afora: especificidades, implicações e ações*. Campinas: Pontes. pp. 25-43

Pinto, P.F. & Melo-Pfeifer, S. (coords) (2018). *Políticas Linguísticas em Português*. Lisboa: Lidel.

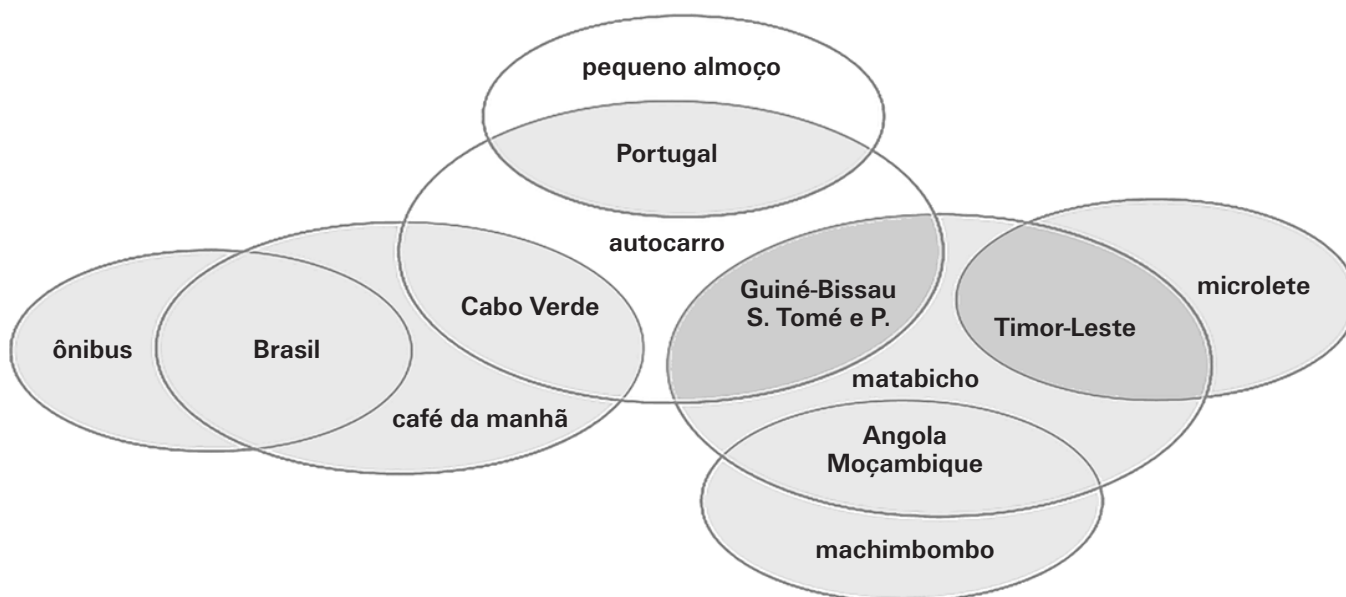
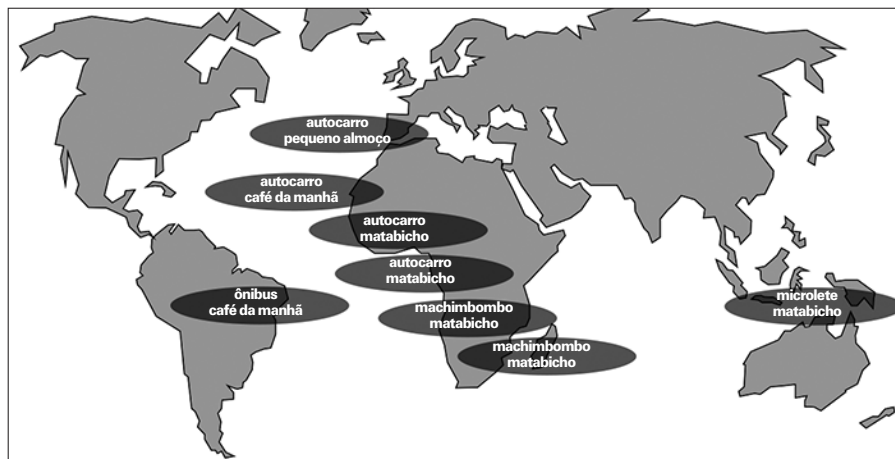
# 1.A. BICENTRISMO LUSO-BRASILEIRO



## 1.B. VARIANTES NACIONAIS DO PORTUGUÊS

### Variação internacional da língua portuguesa

veículo de transporte coletivo de passageiros + primeira refeição do dia



Variantes nacionais	Português Angolano	Português Brasileiro	Português Europeu
PALAVRAS	Musseque Geleira Moleque Chuinga	Favela Geladeira Moleque Chiclete	Bairro de lata Frigorífico Miúdo Pastilha elástica
FRASES	As criança bonita Primeira filho Língua nossa Ir na praia Embora depende Não trata-se Eu vi-lhe Tu queres o seu prémio	As criança/s bonita/s Primeiro filho Nossa língua Ir na praia Embora dependa Não se trata Eu vi ele Você quer o teu prémio	As crianças bonitas Primeiro filho A nossa língua Ir à praia Embora dependa Não se trata Eu vi-o Tu queres o teu prémio



## 1.C. LITERATURAS EM PORTUGUÊS

Não foi só o devido funeral que me faltou. Os desleixos foram mais longe: como eu não tivesse outros bens me sepultaram com minha serra e o martelo. Não o deviam ter feito. Nunca se deixa entrar em tumba nenhuns metais. Os ferros demoram mais a apodrecer que os ossos do falecido. E ainda pior: coisa que brilha é chamatriz da maldição. Com tais inutensílios, me arrisco a ser um desses defuntos estragadores do mundo.

Todas estas atropelias sucederam porque morri fora do meu lugar. Trabalhava longe da minha vila natal. Carpinteirava em obras de restauro na fortaleza dos portugueses, em São Nicolau. Deixei o mundo quando era a véspera da libertação da minha terra. Fazia a piada: meu país nascia, em roupas de bandeira, e eu descia ao chão, exilado da luz. Quem sabe foi bom, assim evitado de assistir a guerras e desgraças.

Como não me apropriaram funeral fiquei em estado de xipoco, essas almas que vagueiam de paradeiro em desparadeiro. Sem ter sido cerimoniado acabei um morto desconhecido da sua morte. Não ascenderei nunca ao estado de xicuembo, que são os defuntos definitivos, com direito a serem chamados e amados pelos vivos. Sou desses mortos a quem não cortaram o cordão desumbilical. Faço parte daqueles que não são lembrados. Mas não ando por aí, pandemoniando os vivos. Aceitei a prisão da cova, me guardei no sossego que compete aos falecidos.

Me ajudou o ter ficado junto a uma árvore. Na minha terra escolhem um canhoeiro. Ou uma mafurreira. Mas aqui, nos arredores deste forte, não há senão uma magrita frangipaneira. Enterraram-me junto a essa árvore. Sobre mim tombam as perfumosas flores do frangipani.

Mia Couto, *A Varanda do Frangipani* (1996: 12)

Não foi só o devido funeral que me faltou. Os desleixos foram mais longe: como eu não tivesse outros bens **me sepultaram** com **minha serra** e o martelo. Não o deviam ter feito. Nunca se deixa entrar em tumba nenhuns metais. Os ferros demoram mais a apodrecer que os ossos do falecido. E ainda pior: coisa que brilha é chamatriz da maldição. Com tais inutensílios, **me arrisco** a ser um desses defuntos estragadores do mundo.

Todas estas atropelias sucederam porque morri fora do meu lugar. Trabalhava longe da minha vila natal. Carpinteirava em obras de restauro na fortaleza dos portugueses, em São Nicolau. Deixei o mundo quando era a véspera da libertação da minha terra. Fazia a piada: **meu país** nascia, em roupas de bandeira, e eu descia ao chão, exilado da luz. Quem sabe foi bom, assim evitado de assistir a guerras e desgraças.

Como não me apropriaram funeral fiquei em estado de **xipoco**, essas almas que vagueiam de paradeiro em desparadeiro. Sem ter sido cerimoniado acabei um morto desconhecido da sua morte. Não ascenderei nunca ao estado de **xicuembo**, que são os defuntos definitivos, com direito a serem chamados e amados pelos vivos. Sou desses mortos a quem não cortaram o cordão desumbilical. Faço parte daqueles que não são lembrados. Mas não ando por aí, pandemoniando os vivos. Aceitei a prisão da cova, **me guardei** no sossego que compete aos falecidos.

**Me ajudou** o ter ficado junto a uma árvore. Na minha terra escolhem um **canhoeiro**. Ou uma **mafurreira**. Mas aqui, nos arredores deste forte, não há senão uma magrita **frangipaneira**. Enterraram-me junto a essa árvore. Sobre mim tombam as perfumosas flores do **frangipani**.

Ele é magro, baixo, com uma cabeça grande desproporcional ao corpo, e extremamente elegante. Está sempre de terno e gravata. Eu sou alto e corpulento, uso camisas largas para fora das calças e já fui visto de alpargatas no Ducasse de Paris. Os funcionários devem ter notado e comentado o contraste. E lhe dirão que a loja estava vazia e que começamos a conversar na frente dos Bordeaux e percorremos toda a loja juntos, e nos chilenos já parecíamos velhos amigos. Talvez se lembrem que eu comprei um Cahors, que normalmente não compraria, por indicação dele. E que saímos juntos da loja. Fomos vistos. Lucídio existe. Juro. Pergunte na loja.

Os funcionários da loja não sabem que depois fomos tomar um café, ali no *shopping* mesmo, e sentamos para conversar mais um pouco, já que nossos interesses combinavam tanto. Comida e bebida, não passamos destes naquele primeiro encontro. Ele move-se com discrição e faz poucos gestos. Senta com as costas retas e quase não mexe a cabeça. Eu nunca chego, simplesmente, numa cadeira ou numa mesa, eu atraco. Um processo difícil, na falta de rebocadores. Naquele dia, derrubei um açucareiro e quase derrubei a mesa e deixei cair o vinho antes de encontrar minha posição na cadeira e chamar a garçonete. Minha namorada, a coitada da Lívia, sempre diz que eu nunca sei de quanto espaço preciso, e que isso vem de uma infância de gordo mimado. Algo a ver com ser um filho único que nunca conheceu limites. A coitada da Lívia é psicóloga e nutricionista, há anos que tenta me salvar. Eu não sou o seu amante, sou a sua causa. Já tive três mulheres e as três queriam o meu dinheiro. A Lívia não quer o meu dinheiro. Quer ser a mulher que me recuperará, o que eu acho muito mais interesseiro e assustador.

Luis Fernando Verissimo, *O Clube dos Anjos* (1998: 11)

Ele é magro, baixo, com uma cabeça grande desproporcional ao corpo, e extremamente elegante. Está sempre de terno e gravata. Eu sou alto e corpulento, uso camisas largas para fora das calças e já fui visto de alpargatas no Ducasse de Paris. Os funcionários devem ter notado e comentado o contraste. E lhe dirão que a loja estava vazia e que começamos a conversar na frente dos Bordeaux e percorremos toda a loja juntos, e nos chilenos já parecíamos velhos amigos. Talvez se lembrem que eu comprei um Cahors, que normalmente não compraria, por indicação dele. E que saímos juntos da loja. Fomos vistos. Lucídio existe. Juro. Pergunte na loja.

Os funcionários da loja não sabem que depois fomos tomar um café, ali no *shopping* mesmo, e sentamos para conversar mais um pouco, já que nossos interesses combinavam tanto. Comida e bebida, não passamos destes naquele primeiro encontro. Ele move-se com discrição e faz poucos gestos. Senta com as costas retas e quase não mexe a cabeça. Eu nunca chego, simplesmente, numa cadeira ou numa mesa, eu atraco. Um processo difícil, na falta de rebocadores. Naquele dia, derrubei um açucareiro e quase derrubei a mesa e deixei cair o vinho antes de encontrar minha posição na cadeira e chamar a garçonete. Minha namorada, a coitada da Lívia, sempre diz que eu nunca sei de quanto espaço preciso, e que isso vem de uma infância de gordo mimado. Algo a ver com ser um filho único que nunca conheceu limites. A coitada da Lívia é psicóloga e nutricionista, há anos que tenta me salvar. Eu não sou o seu amante, sou a sua causa. Já tive três mulheres e as três queriam o meu dinheiro. A Lívia não quer o meu dinheiro. Quer ser a mulher que me recuperará, o que eu acho muito mais interesseiro e assustador.

— se estou melhor? nem sei. também não estou pior, isso é que me vale. mas tenho dores de corpo. nos ossos de dentro...

a velha despediu-se com um gesto fraco, subiu as escadas, o Carteiro aproveitou e saiu do apartamento

— encontrei ali um copo de água

— fez bem, desculpe nem me levantar, ando com poucas forças

o CamaradaMudo desviou o alvo, pegou num antigo abano de grelhados, vasto e gasto, abanou-se três vezes, o homem tinha uma espécie de pato secreto com o «catolotolo», modalidade de febres e incómodos que, sem tratamento, acompanham o paciente durante anos, desaparecendo e trazendo de volta os sintomas

— catolotolo teimoso — sorriu devagar o CamaradaMudo — diagnosticado já pelos médicos..., é maka crónica

o Carteiro coçou a cabeça enquanto pensava em algo para dizer, ajeitou o seu saco, limpou as mãos na lateral das calças

— bem, qualquer coisa que precise é só avisar

— obrigado. a gasosa fica para a próxima, tou fraco de cumbú

— sim, kota — despediu-se o Carteiro

na escada, AvóKunjikise olhou para os olhos do Carteiro, este desviou o olhar sentiu-se bem, não tinha muito a esconder e nunca nutriu desconfiança pelos velhos, sobretudo os de cabeça já esbranquiçada

Ondjaki, *Os Transparentes* (2012: 33)

— se estou melhor? nem sei. também não estou pior, isso é que me vale. mas tenho dores de corpo. nos ossos de dentro...

a velha despediu-se com um gesto fraco, subiu as escadas, o Carteiro aproveitou e saiu do apartamento

— encontrei ali um copo de água

— fez bem, desculpe nem me levantar, ando com poucas forças

o CamaradaMudo desviou o alvo, pegou num antigo abano de grelhados, vasto e gasto, abanou-se três vezes, o homem tinha uma espécie de pato secreto com o «catolotolo», modalidade de febres e incómodos que, sem tratamento, acompanham o paciente durante anos, desaparecendo e trazendo de volta os sintomas

— catolotolo teimoso — sorriu devagar o CamaradaMudo — diagnosticado já pelos médicos..., é maka crónica

o Carteiro coçou a cabeça enquanto pensava em algo para dizer, ajeitou o seu saco, limpou as mãos na lateral das calças

— bem, qualquer coisa que precise é só avisar

— obrigado. a gasosa fica para a próxima, tou fraco de cumbú

— sim, kota — despediu-se o Carteiro

na escada, AvóKunjikise olhou para os olhos do Carteiro, este desviou o olhar sentiu-se bem, não tinha muito a esconder e nunca nutriu desconfiança pelos velhos, sobretudo os de cabeça já esbranquiçada

		Português Europeu
Português Moçambicano	me sepultaram me arrisco me guardei me ajudou minha serra meu país canhоеiro mafurreira frangipaneira frangipani xipoco xicuembo	sepultaram-me arrisco-me guardei-me ajudou-me a minha serra o meu país — — plumeria plumeria morto-vivo, zombie morto, feitiço
Português Brasileiro	lhe dirão tenta me salvar começamos passamos sentamos senta nossos interesses minha posição minha namorada na frente chego numa cadeira chego numa mesa sempre diz terno garçonete	dir-lhe-ão tenta salvar-me, tenta-me salvar começámos passámos sentámo-nos senta-se os nossos interesses a minha posição a minha namorada em frente chego a uma cadeira chego a uma mesa diz sempre fato empregada
Português Angolano	tou pato gasosa catolotolo maka cumbú kota	estou, tou pacto gorjeta — problema dinheiro velho, cota

## 2. SONS DO PORTUGUÊS EUROPEU

**A** fonética e a fonologia, embora tenham como base o estudo dos sons das línguas, distinguem-se pelo facto de a **fonética** se centrar no estudo dos sons da fala humana, da sua produção pelos locutores e da sua perceção pelos ouvintes, enquanto a **fonologia** se centra no estudo da função dos sons numa determinada língua. Ambas têm, portanto, como objeto de estudo um processo natural intrínseco às línguas orais: a sua vocalização.

A **ortografia**, por sua vez, é uma convenção social exterior à língua, uma representação gráfica da língua através de símbolos organizados num sistema de escrita que segue normas instituídas para a sua correta utilização. Estas normas são difundidas pelo sistema de ensino e pelos *media*, estando presentes também nas gramáticas e dicionários que norteiam a utilização da escrita pelos falantes.

A ortografia portuguesa regula a utilização de um sistema de escrita, o **alfabeto romano**, em que cada símbolo, letra ou grafema representa sons ou fonemas da língua portuguesa. Apesar disso, a norma ortográfica não dá conta da variação social ou geográfica dos sons da língua. No caso do português, destacam-se algumas dificuldades na relação entre letra e som: a utilização de diversas letras para um mesmo som; a utilização de uma letra para representar vários sons diferentes; e, em particular, a existência de apenas cinco vogais para um número muito superior de sons vocálicos distintos que, no caso do português europeu, são catorze. O facto de o português europeu ter mais sons vocálicos que as normas extraeuropeias, aliado à tendência para o apagamento ou emudecimento das vogais átonas, torna difícil a compreensão do português europeu oral espontâneo por falantes fluentes noutras normas quando não foram anteriormente expostos à variante europeia no seu quotidiano.

Para a abordagem dos sons do português europeu e da sua articulação com a **ortografia portuguesa**, propõe-se:

- 2.A.** Texto para trabalhar a compreensão de leitura em voz alta com o objetivo de desenvolver competências de perceção auditiva e compreensão do português europeu oral, identificando palavras do texto com fonemas mais difíceis de perceber e distinguir;
- 2.B.** Lista de palavras que exemplificam relações complexas entre fonema e grafema na ortografia portuguesa, destacando que a partilha de um alfabeto não equivale à partilha das mesmas regras ortográficas, donde a existência do alfabeto fonético internacional, o código universal de registo dos sons de todas as línguas do mundo.

## 2.A. COMPREENSÃO DE LEITURA ORAL

O processo que conduziu à primeira alunagem humana, em 1969, remonta pelo menos a 1957. A 14 de Outubro desse ano, um grupo de engenheiros soviéticos lançava um foguetão do cosmódromo do Cazaquistão, colocando assim em órbita terrestre o primeiro projeto de veículo espacial fabricado pelo homem (...). A União Soviética tinha colocado em órbita o primeiro satélite artificial da história; a era espacial tinha começado.

A repercussão da viagem orbital em todo o mundo foi imensa e, provavelmente, em nenhum outro país, a seguir à própria União Soviética, terá sido maior do que nos Estados Unidos. (...) O facto de o inimigo ter capacidade para colocar no espaço uma bola de 84 quilos de peso acarretava consideráveis consequências psicológicas, propagandísticas e estratégicas. Na perspetiva atual, as reações dos meios de comunicação, dos partidos políticos ou da comunidade científica podem parecer exageradas, mas refletem o estado de espírito dominante na época. (...)

Ao primeiro Sputnik seguiram-se outras façanhas da URSS, e os Estados Unidos procuraram dar réplica a essas iniciativas, com maior ou menor rapidez. A União Soviética, cujo líder político era então Nikita Khrushchov e cujo principal cientista para as questões espaciais era Serguei Korolev, enviou à Lua naves não tripuladas, que fotografaram a superfície (em setembro de 1959) e a face oculta do satélite (um mês depois). Para além disso, colocou em órbita terrestre diversos cães, à laia de ensaios para um futuro envio de seres humanos ao espaço. Com Khrushchov e Korolev, a astronáutica soviética viveu a sua época dourada (...). Embora os Estados Unidos também tivessem colocado um satélite em órbita pouco depois do seu rival e enviado naves não tripuladas à Lua, os seus feitos (...) foram a reboque dos da União Soviética. A decisão mais importante desses anos foi a criação de uma agência espacial de índole civil: a National Aeronautics and Space Administration, mais conhecida como NASA. Esta instituição começou a funcionar a 1 de outubro de 1958 e centralizou toda a atividade espacial que não correspondesse à esfera estritamente militar.

Ricardo Artola, «Os Americanos Dão o Salto para a Lua», in *Século XX – Homens, Mulheres e Factos que Mudaram a História*, Lisboa, *Público/El País* (adaptado)

Exame de Português, 12.º ano (Ministério da Educação)

## 2.B. SONS E LETRAS

Relação som-letra: som da letra J nas ortografias portuguesa, espanhola, inglesa e alemã.

Alfabeto Romano ou Latino			
João	Juan	John	Johannes
ʒ	x	dʒ	j
Alfabeto Fonético Internacional			
/alfe'betufu'netikuĩtimesju'nal/			
/ĩter'neʒineɫfe'netik'alfebet/			

Palavras com os fonemas e letras problemáticos, organizados por fonemas, aquilo que os estudantes ouvem.

### VOGAIS

		ɛ	e	ẽ	ɨ	i	ĩ
		terra crédito	medo vê	tempo tentar ciência	grande ministro	real limite possível	imposto símbolo interno
a	e	ẽ					
mato prático àquele	amor diâmetro conselho	rã campo antes âmbito triângulo					
			ɔ	o	õ	u	ũ
			bola sólida	garota pôr	põe som	fruta açúcar	cumprir nunca
				poupar	contra	angolano	

**a** – algo, parte, cravo, frasco, molhado, designado, buraco, esmalte, musical, igual, normal, itálico, má, democrático, dicionário, cenário, contrário, farmácia, eficácia, à

**ɸ** – letra, tropa, cama, apoio, ajuda, barômetro, cigano, italiano, brasileiro, cobra, partida, redonda, savana, âmago, trâmite, coelho, orelha, ovelha, vermelho, leitura, beijo, meio, ideia, igreja, veja

**ẽ** – romã, lâ, manhã, ambos, antílope, bandeira, tanto, transformando, distância, concordância, ambulância

**ɛ** – papel, regra, correto, metro, aluguer, mulher, qualquer, miséria, comércio, genética

**e** – caneta, cometa, dedo, placebo, comer, fazer, ver, ler, revê, lê, relê, comê-lo, trazê-lo, dizê-lo

**ẽ** – empatar, exemplo, embora, empacotar, membro, embondeiro, lamento, doente, isento, barulhento, momento, pensamento, incêndio, evidência, frequência, tendência, ênfase

**ĩ** – vale, telefone, quadrúpede, cólera, americano, papelaria, melodia, príncipe

**í** – ideal, ameaçar, realce, cimento, minuto, partido, saliva, portátil, lápis, clínico, míssil, líder, matrícula

**ĩ** – importante, importar, impopular, ímpar, singular, invulgar, tinta

**õ** – volta, cola, porta, forte, transporte, sorte, podes, atômica, propósito, depósito, económico, telemóvel

**o** – horror, amador, soldador, simulador, regulador, fôlego, ouvir, outra, louca, pouca, mandou, levantou, entrou

**õ** – põem, pomba, tromba, comprar, combinar, completar, ponte, responsável, redonda, ontem

**u** – plural, muralha, barulho, musical, mudança, última, única, música, morada, comida, moçambicano

**ũ** – umbigo, aprofundar, fundamental, mundial

## CONSOANTES

<b>g</b> gato guarda guerra	<b>3</b> gente jantar lisboeta		<b>R</b> rato torre enrolar	<b>r</b> parede pronto arte cantar
	<b>k</b> carta quadro querida	<b>s</b> sapato pensativo passado cebola lançar próximo	<b>j</b> xis chá risco paz	<b>z</b> zebra mesa exame

**g** – golo, guloso, gordo, glicose, grego, agora, agradável, agricultura, progredir, categoria; língua; guiar, entregue, português, água

**3** – ginásio, agir, regional, ferrugem, barragem; jardim, janela, jornal, já, anjo, pijama, projeto, esponja; desde, osga, mesmo, asneira, israelita, esvaziar

**R** – rapaz, resumo, régua, ritual, rio, ridículo, rosa, rótulo, rua; arranjar, arroz, bairro, erro, irritado; tenro, honra



**f** – hora, puro; próprio, petróleo; erva, porta; comer, partir

**k** – copo, cultura, acordar, encontrar, macaco, clube, criar, cratera; quadrado, quociente; quero, quieto, toque, arquivo

**S** – seguro, simular, só, sumo, santo, sentimento, som; tensão, manso, ansiedade, perseguir; massa, esse, missa, assimilar, assobio, progresso, grosso; cigarro, acender, incentivo, ácido, acidente, velhice; lição, força, doença, dança, doçura, aço; máximo, auxiliar, aproximar

**∫** – xarope, xaile, bruxa, caixa, enxugar, texto, exclusivo, experiência, exportar, expressão; chave, chuva, chegada, chamar, bicho, achar; esforço, áspero, pista; rapaz, capaz, acidez, rigidez, perdiz, aprendiz, verniz, feroz

**Z** – zangado, zoologia, azedo, azar, cozinheiro; resumo, isolamento, básico, pesado, rochoso, presente; exercício, exato, exemplo, existir, exército

## SÍNTESE

Letras mais problemáticas da ortografia portuguesa & sons mais problemáticos:  
emudecimento ou apagamento das vogais átonas

			<b>E</b>	<b>O</b>				
<b>C</b>	<b>Ç</b>	<b>CH</b>	<b>Q</b>	<b>S</b>	<b>SS</b>	<b>X</b>	<b>Z</b>	
			<b>G</b>	<b>J</b>				
		<b>H</b>	<b>CH</b>	<b>LH</b>	<b>NH</b>			
			<b>R</b>	<b>RR</b>				
<b>telefone</b>	<b>foguetão</b>	<b>presente</b>	<b>melodia</b>					
	<b>se faz favor</b>							

### 3. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

O discurso oral dos professores durante as aulas inclui não raro expressões idiomáticas cujo significado não é compreendido por estudantes fluentes em normas africanas do português.

A expressão idiomática, ou idiomatismo, é um mecanismo das línguas e das suas fraseologias, que se caracteriza pela sua natureza mais **oral ou coloquial** e pela sua idiomaticidade, isto é, a tendência que as frases têm para adotar significados que transcendem o significado de cada uma das suas palavras. A expressão idiomática confere, nas mais variadas línguas, expressividade ao discurso, num registo metafórico, que nasce da **frequência de uso** que lhe é conferida pelos falantes ao longo dos tempos. Ela será, então, uma unidade sintática e lexicológica constituída por mais de uma palavra, usualmente incluindo um verbo e implicando uma ação, que possui um **significado global**, na qual nenhuma palavra pode ser substituída por uma palavra sinónima, e na qual a disposição das palavras raramente pode ser modificada, ou seja, raramente permite variação.

Os materiais que se propõem para a abordagem de expressões idiomáticas portuguesas são:

- 3.A. Expressões idiomáticas em francês, inglês, italiano, português e língua crioula guineense, para caracterizar a estrutura e funcionamento universal das expressões idiomáticas;
- 3.B. Expressões idiomáticas do português europeu, com o seu significado, exemplos de utilização e três opções de respostas para exercício de escolha múltipla, com o objetivo de definir o significado de expressões idiomáticas potencialmente utilizadas por professores/as em sala de aula.

#### 3.A. ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

**Faire d'une pierre deux coups**

*\*Fazer duma pedra dois golpes*

**Matar dois coelhos com uma cajadada só**

Kill two birds with one stone

Prendere due piccioni con una fava

**Better safe than sorry**

*\*Melhor seguro que arrependido*

**Mais vale prevenir do que remediar**

Mieux vaut prévenir que guérir

Meglio prevenire che curare

**N' ca ta cumpra n' saninho na cova**

*\*Eu não compro esquilo na cova*

Não há negócio sem garantias

### 3.B. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS PORTUGUESAS

#### EXPRESSÃO IDIOMÁTICA:

#### **Ao fim e ao cabo**

#### SIGNIFICADO:

Em conclusão

#### EXEMPLO:

— *Ao fim e ao cabo, depois de tantas dúvidas, tudo se acabou por resolver.*

#### ESCOLHA MÚLTIPLA:

- a) Claramente.
- b) Na totalidade.
- c) Em conclusão.

#### **Atirar o barro à parede**

Fazer uma tentativa na esperança de ser bem-sucedido, falar sem fundamento.

— *Ele está sempre a dar palpites, mas não acerta em nada.*

— *Sim, ele gosta de atirar o barro à parede a ver se pega.*

- a) Fazer uma tentativa esperando ser bem-sucedido.
- b) Distrair alguém com algo inesperado.
- c) Usar os argumentos de outra pessoa para a atacar.

#### **Bater na mesma tecla**

Insistir demasiado no mesmo assunto.

— *Gostava de falar contigo sobre aquela situação outra vez.*

— *Já é a quarta vez esta semana. Estás sempre a bater na mesma tecla.*

- a) Agredir verbalmente.
- b) Insistir demasiado no mesmo assunto.
- c) Discutir sempre com a mesma pessoa.

#### **Dar o braço a torcer**

Ceder, admitir que se está errado.

— *Eu tenho a certeza!*

— *Mas estás errado, só não dás o braço a torcer.*

- a) Magoar-se de propósito.
- b) Seguir a opinião dos outros.
- c) Admitir que se está errado.

#### **De fio a pavio**

Do princípio ao fim.

— *Li este livro de fio a pavio.*

- a) Do princípio ao fim.
- b) Sem parar.
- c) Do fim para o princípio.

#### **Encher chouriços**

Enrolar, empatar, dizer ou fazer coisas sem importância.

— *Passei quatro horas a falar ao telefone, já não sabia o que dizer.*

— *Eu ouvi. Ao fim de 20 minutos, só já estavas a encher chouriços.*

- a) Falar muito sem ouvir os outros.
- b) Dizer ou fazer coisas sem importância.
- c) Ouvir outra pessoa, sem falar.

### **Engolir sapos**

Fazer ou aceitar algo contrariado, consentir ser alvo de insultos ou de humilhação.

— *Ontem, provaram que a minha opinião estava errada. Por isso, tive de engolir o sapo e aceitar.*

- a) Ter dificuldade em fazer algo.
- b) Obrigar alguém a reconhecer um erro.
- c) Fazer ou aceitar algo contrariado.

### **Estar com paninhos quentes**

Ter demasiado cuidado com o que é dito, dizer algo de forma delicada ou conciliadora.

— *Dá-me as más notícias, não estejas com paninhos quentes.*

- a) Dizer algo de forma delicada ou conciliadora.
- b) Falar em voz muito baixa.
- c) Exagerar acerca da gravidade de um assunto.

### **Estar / Ficar com a cabeça em água**

Estar demasiado cansado, exausto.

— *Trabalhei demais este fim de semana. Estou com a cabeça em água.*

- a) Estar com o cabelo muito sujo.
- b) Estar demasiado cansado.
- c) Ficar zangado com alguém.

### **Estar / Ficar de pé atrás**

Estar desconfiado, hesitante.

— *Eu fiquei de pé atrás com a atitude suspeita dele.*

- a) Não conseguir avançar perante uma situação difícil.
- b) Ficar perdido.
- c) Estar desconfiado.

### **Estar em baixo**

Estar adoentado, em más condições, com pouco ânimo ou deprimido.

— *Vi-o hoje e ele estava em baixo.*

— *Sim, ele tem andado muito desanimado.*

- a) Estar adoentado ou deprimido.
- b) Caminhar devagar.
- c) Manter o comportamento habitual.

### **Ficar em águas de bacalhau**

Ficar sem efeito, não dar em nada, estar à espera ou a aguardar sem perspectivas de chegar a algum lado.

— *Como está o projeto?*

— *Continua na mesma, em águas de bacalhau. Estamos à espera de novos desenvolvimentos.*

- a) Ficar muito tempo à espera.
- b) Ficar sem efeito.
- c) Ficar em dificuldades.

### **Meter o Rossio na Betesga**

Uma tarefa impossível ou muito difícil, uma vez que o Rossio é uma grande praça, em Lisboa, e Betesga é uma pequena rua próxima.

— *Achas que conseguimos fazer a candidatura ao projeto em apenas dois dias?*

— *Não. Isso era meter o Rossio na Betesga.*

- a) Fazer um projeto errado.
- b) Fazer duas coisas ao mesmo tempo.
- c) Fazer uma tarefa impossível ou muito difícil.

### **Meter palha**

Inserir conteúdo não importante, preencher com teor supérfluo, redundante ou de pouca relevância.

— *Este artigo tem muita coisa que não interessa.*

— *Sim, o autor meteu muita palha.*

- a) Inserir conteúdo sem importância.
- b) Fazer um erro sem querer.
- c) Dizer mentiras.

### **Não ter mãos a medir**

Estar demasiado ocupado, ter muito ou demasiado para fazer.

— *Podes ajudar-me?*

— *Não, agora tenho muito trabalho. Não tenho mãos a medir.*

- a) Não conseguir avaliar uma situação.
- b) Estar demasiado ocupado.
- c) Não poder agarrar com a mão.

### **Perder / encontrar o fio à meada**

Perder / encontrar o rumo ou direção da conversa.

— *Estás a acompanhar o que digo?*

— *Não, na verdade, já perdi o fio à meada.*

- a) Perder / voltar a ter som em ligação telefónica.
- b) Deixar de / voltar a ter vontade de ouvir alguém.
- c) Perder / encontrar o rumo ou direção da conversa.

### **Pôr o carro / carroça à frente dos bois**

Adiantar-se, ser impaciente. Querer o resultado de algo imediatamente, sem cumprir a ordem normal das coisas ou sem que se tenha cumprido as etapas necessárias.

— *Posso ter o meu diploma já, antes de terminar o curso?*

— *Calma. Estás a pôr a carroça à frente dos bois.*

- a) Adiantar-se, ser impaciente.
- b) Impedir o avanço dos acontecimentos.
- c) Ter entusiasmo em excesso.

### **Ser um tiro no escuro**

Arriscar, tentar sem grande hipótese de sucesso.

— *Foste à entrevista de emprego na empresa de que te falei?*

— *Sim, mas é um tiro no escuro.*

- a) Fazer algo muito rapidamente.
- b) Tentar sem grande hipótese de sucesso.
- c) Não saber nada acerca de um assunto.

### **Ter a papinha toda feita**

Ter todo o trabalho facilitado ou simplificado.

— *O colega disse-lhe tudo o que ele tinha de fazer?*

— *Sim, ele nem teve de se esforçar. Já tinha a papinha toda feita.*

- a) Estar pronto a iniciar uma tarefa.
- b) Copiar o trabalho de alguém.
- c) Ter o trabalho facilitado ou simplificado.

### **Trocar as voltas**

Fazer o contrário do previsto.

— *Pensei que ia sair, mas ele trocou-me as voltas e acabei por ficar em casa.*

- a) Fazer o contrário do previsto.
- b) Enganar-se sem querer.
- c) Avisar acerca de mudanças imprevistas.

## 4. APONTAMENTOS

**E**m contexto académico, tirar notas ou apontamentos é imprescindível. Tendo em conta que, frequentemente, os professores expõem a informação oralmente, não será raro que os estudantes tenham de registar esta informação por escrito, para futura consulta e revisão. Os apontamentos e a forma de os escrever podem diferir muito de pessoa para pessoa, cada uma empregando as técnicas que melhor se adequam ao seu ritmo ou gosto pessoal. Há, no entanto, denominadores comuns. Estas anotações **nunca são registos integrais** do que é oralmente expresso pelo professor. Os apontamentos podem também ser tirados de textos escritos, sendo que, neste caso, também se espera que o estudante faça um **registo escrito mais conciso e pessoal**, havendo o cuidado de registar a respetiva referência bibliográfica. Nos dois casos, porém, é igualmente importante cumprir as bases lógicas e funcionais deste género muito particular de texto.

Assim, para tirar apontamentos de modo eficaz, deverão ser utilizadas certas técnicas, tais como selecionar a **informação relevante**, não transcrevendo o conteúdo dispensável; sintetizar o texto oral ou escrito, simplificando a sua compreensão e aumentando a rapidez do registo; e incluir **palavras-chave, esquemas e abreviaturas**, de modo a melhor condensar e organizar a matéria. A escrita simplificada com abreviaturas e símbolos só é aconselhável neste tipo de anotações, não sendo aceitável, sob o risco de penalização, noutros contextos académicos, como testes ou trabalhos. As técnicas referidas, além do melhoramento da capacidade de análise e síntese, permitem ainda obter outros resultados, como o aumento da **concentração**, o treino da **escrita** e uma melhor **retenção** dos conteúdos expostos.

Tendo em vista desenvolver nos estudantes a autonomia na tomada de notas, poucas vezes praticada e menos vezes ensinada durante o ensino básico e secundário, os materiais propostos incluem:

- 4.A. Síntese dos objetivos, princípios e competências envolvidos quando se tiram apontamentos de que é importante que os/as estudantes tenham consciência;
- 4.B. Quadro com exemplos de abreviaturas e símbolos gráficos exigidos pela escrita simplificada em português, que permitem o registo rápido dos significados e que podem variar de indivíduo para indivíduo;
- 4.C. Exemplo de duas versões sucessivas de apontamentos sobre uma exposição oral com suporte visual que, na ausência da exposição oral, servem para ilustrar duas etapas do processo de tomada de notas.

## 4.A. OBJETIVOS, PRINCÍPIOS E COMPETÊNCIAS

OBJETIVOS	Manter escuta atenta Reter informação essencial Produzir material para estudo posterior
PRINCÍPIOS	Anotar o máximo de informação com o mínimo de palavras: escrita simplificada Não incluir pormenores, exemplos e repetições Assinalar títulos, subtítulos e palavras-chave: caixa, tamanho, sublinhado, cor Estabelecer ligações entre as informações: esquemas de hierarquia, prioridade Garantir legibilidade Reler e completar Juntar observações e comentários
COMPETÊNCIAS SIMULTÂNEAS	Escutar com atenção Compreender o conteúdo Selecionar e organizar o essencial Registar o essencial

## 4.B. ESCRITA SIMPLIFICADA

Escrita simplificada					
frases curtas, ausência de palavras de ligação, abreviaturas, siglas, símbolos					
Abreviaturas				Símbolos	
permanência da primeira letra, queda de vogais, símbolos na terminação					
<b>c/</b>	com	<b>min</b>	mínimo, minuto	<b>1</b>	um, uma
<b>cf</b>	confrontar, confirmar	<b>mto</b>	muito	<b>2</b>	dois, duas
<b>cidd</b>	cidade	<b>ñ</b>	não	<b>3</b>	três
<b>conheci/º</b>	conhecimento	<b>nº</b>	número	<b>1º</b>	primeiro
<b>desenvolvi/º</b>	desenvolvimento	<b>normal/</b>	normalmente	<b>2º</b>	segundo
<b>dp</b>	depois	<b>p/</b>	por, para	<b>3º</b>	terceiro
<b>enqt</b>	enquanto	<b>politc/</b>	politicamente	<b>+</b>	mais, e
<b>entrett</b>	entretanto	<b>portt</b>	portanto	<b>-</b>	menos
<b>ext</b>	exterior	<b>pq</b>	porque	<b>±</b>	mais ou menos, cerca de
<b>gde</b>	grande	<b>pt</b>	português	<b>x</b>	vez, vezes
<b>idd</b>	idade	<b>q</b>	que	<b>=</b>	igual
<b>identdd</b>	identidade	<b>qd</b>	quando	<b>≠</b>	diferente, oposto
<b>liberdd</b>	liberdade	<b>qt</b>	quanto	<b>&gt;</b>	superior, maior, logo
<b>lingtc</b>	linguístico	<b>s/</b>	sem	<b>&lt;</b>	inferior, menor
<b>lit</b>	literário	<b>sdo</b>	significado	<b>=/</b>	igualmente
<b>mm</b>	mesmo	<b>tb</b>	também	<b>+x</b>	mais vezes
<b>importt</b>	importante	<b>td</b>	tudo, todo	<b>talx</b>	talvez
<b>max</b>	máximo	<b>v</b>	ver	<b>@</b>	o / a

## 4.C. EXEMPLO DE APONTAMENTOS

### *Q é Art? Q é Lit?*

#### 1. Art?

7.<sup>a</sup> art: cinema

6 arts classic: pint, escult, arquitt / teat, lit, danç, music

– P cor: quadro td preto

– E volum: constr inacab c/ tijolos

amostra

– A volum: edif branc retas s/ aberts

– T represent

– D movi<sup>o</sup>: roupa normal e balds ág

– M som: concert silenc

– C: film s/ imags

#### 2. Lit?

Poesia: obras c/ 3 versos, p. visual, p. narratv

Narratv: palvrs inventds incompreensvs

Teat: s/ txt c/ espet no palco

#### 3. Concl

Lit: art q s expr p/ palvrs

Art: intenç + reconh<sup>o</sup>

### **O que é a arte? O que é a literatura?**

#### 1. O que é a arte?

##### 1.1. Seis artes clássicas (greco-latinas)

1.1.1. Pintura (cor): quadro todo preto

1.1.2. Escultura (volume): construção inacabada com tijolos à mostra

1.1.3. Arquitetura (volume): edifício branco retilíneo sem aberturas  
Teatro (representação)

1.1.4. Dança (movimento): roupa normal e baldes de água

1.1.5. Música (som): concerto silencioso

1.1.6. Literatura (palavra)

1.2. Sétima Arte / cinema (cor, representação, movimento, som, palavra):  
filme sem imagens

#### 2. O que é a literatura?

2.1. Poesia: obras-primas com três versos, poesia visual, poesia narrativa

2.2. Narrativa: palavras inventadas e incompreensíveis

2.3. Teatro: sem texto e com espetadores no palco

#### 3. Conclusão

3.1. Literatura: forma de arte que se exprime por palavras

3.2. Arte:

3.2.1. Aquilo que é feito com a intenção de ser arte

3.2.2. Aquilo que é reconhecido como arte



## 5. TEXTUALIDADE

**A** textualidade, em todas as línguas, é a característica elementar de qualquer texto oral ou escrito, que o torna perceptível enquanto texto e não apenas um conjunto de palavras ou frases. Ela pode também ser definida pelos interlocutores, cabendo a estes o papel de decidir o que é um texto adequado, ao produzi-lo, e de interpretar como textos as produções que ouvem ou leem. Deste modo, um texto será entendido como tal quando é percebido pelos interlocutores como um todo estrutural e funcional, fazendo sentido num determinado contexto comunicativo. A textualidade, entre outros fatores, assenta nos critérios de coerência, coesão e progressão.

A **coerência** é responsável pela estrutura lógica de um texto, ou seja, pelas suas ideias. Prende-se, portanto, com a organização e articulação do conteúdo do texto. Para que um texto seja coerente, terá de ser compreendido e bem interpretado por outros. Se um texto apresentar ideias contraditórias ou redundantes, poderá facilmente ser entendido como um texto incoerente.

A **coesão**, por sua vez, estabelece relações entre os diversos constituintes linguísticos do texto. Para esse efeito, utilizam-se vários elementos linguísticos, como substantivos, flexões verbais, conjunções, advérbios, pronomes ou artigos, que deverão favorecer a interpretação por parte do leitor ou ouvinte. Os recursos que permitem a coesão textual incluem o uso de cadeias referenciais, de substituições, de conectores e dos tempos e modos verbais.

A textualidade pressupõe ainda a **progressão** temática, que obriga a sucessivas retomas do tema em que se vão progressivamente introduzindo novas informações sobre o objeto do texto. A progressão temática de um texto tende a exigir a estrutura prototípica, com alguma forma de introdução, desenvolvimento e conclusão.

Como recursos didáticos propostos para a aprendizagem dos princípios de textualidade, apresenta-se:

- 5.A.** Quadro-síntese sobre mecanismos linguísticos de coerência, coesão e progressão que os estudantes deverão reconhecer e utilizar nos textos que leem e escrevem;
- 5.B.** Texto jornalístico para identificação de mecanismos de coesão textual e progressão temática que são sistematizados em quadro-síntese;
- 5.C.** Exercício de completamento de texto com escolha múltipla sobre concordância de género, número e pessoa, com versão do estudante, versão com soluções e híper-síntese sobre flexão de género, número e pessoa;
- 5.D.** Exercício de completamento de texto com escolha múltipla sobre concordância de tempo e modo verbal, com versão do estudante, versão com soluções e híper-síntese sobre flexão de tempo e modo.

## 5.A. PRINCÍPIOS DE TEXTUALIDADE

COERÊNCIA	Relevância da informação Não contradição da informação Não repetição da informação Relação com contexto exterior
COESÃO	Repetição intercalada de palavras Substituição de palavras por sinónimos Substituição de substantivos por pronomes Conectores que ligam as frases Tempos verbais
PROGRESSÃO	Retoma do tema Aprofundamento do tema

## 5.B. COESÃO E PROGRESSÃO

### Ancara diz que avião militar turco poderá ter violado espaço aéreo sírio

O Presidente da Turquia, Abdullah Gul, disse que o avião militar turco abatido na sexta-feira pelas forças de defesa sírias poderá ter violado o espaço aéreo sírio, devido à elevada velocidade a que se deslocava.

Gul comentou que é normal os aviões militares atingirem velocidades elevadas para passar fronteiras num curto espaço de tempo. Mas isso, disse à agência de notícias Anatólia, não quer dizer que tenha havido "más intenções". "São coisas não intencionais que acontecem por causa das elevadas velocidades dos aviões", insistiu o Presidente turco aos jornalistas, durante uma visita a Kayseri, na região Centro da Turquia. Gul acrescentou que já foram estabelecidos contactos telefónicos com o regime sírio depois do incidente.

O ministro turco dos Negócios Estrangeiros, Ahmet Davutoglu, teve já esta manhã uma reunião de emergência com os comandantes militares do país assim como o chefe dos serviços secretos, visando analisar e decidir as medidas que Ancara vai adoptar em resposta à Síria. O encontro durou cerca de duas horas, segundo a agência noticiosa estatal turca, e sobre a mesa esteve igualmente a operação de busca pelos pilotos do avião abatido, que permanecem desaparecidos.

Na sexta-feira, os militares turcos perderam contacto com o avião de combate F-4 Phantom quando este sobrevoava a província de Hatay, cerca de 90 minutos depois de ter descolado da base aérea de Erhac, na província turca de Malatya. Responsáveis militares turcos adiantaram à estação de televisão NTV que o aparelho ter-se-á despenhado no Mediterrâneo, em águas territoriais sírias.

Algumas horas depois, um porta-voz do Exército sírio confirmou à agência AFP que o avião turco tinha sido abatido "pouco depois de ter entrado no espaço aéreo sírio". Hoje prosseguem as buscas no Mediterrâneo, ao largo de Hatay, para tentar encontrar os dois pilotos do aparelho.

Este incidente poderá degradar ainda mais a relação entre Ancara e Damasco, que se deteriorou após o início da revolta contra o regime de Bashar al-Assad, em Março do ano passado. Desde então, a violência na Síria já causou mais de 15 mil mortes.

www.publico.pt/Mundo  
23.06.2012 - 09:45 Por AFP, PÚBLICO

COESÃO		PROGRESSÃO	
<b>Turquia</b>	Presidente da Turquia, Abdullah Gul Gul (ele) disse Presidente turco Gul ministro turco dos Negócios Estrangeiros, Ahmet Davutoglu comandantes militares do país chefe dos serviços secretos Ancara militares turcos Responsáveis militares turcos Ancara	<b>Tema</b>	Turquia diz que avião violou espaço sírio
<b>avião</b>	avião militar turco avião militar turco abatido na sexta-feira pelas forças sírias aviões militares aviões avião abatido avião de combate F-4 Phantom aparelho avião turco aparelho	<b>Tema</b>	Turquia
<b>Síria</b>	espaço aéreo sírio fronteiras regime sírio Síria águas territoriais sírias porta-voz do Exército sírio espaço aéreo sírio Damasco regime de Bashar al-Assad Síria	<b>Aprofundamento 1</b>	Declarações do presidente
		<b>Tema</b>	Turquia
		<b>Aprofundamento 2</b>	Diligências do ministro + buscas
		<b>Tema</b>	Turquia
		<b>Aprofundamento 3</b>	Declarações militares + buscas no mar
		<b>Tema</b>	Síria
		<b>Aprofundamento 4</b>	Confirmação de violação + buscas
		<b>Tema</b>	Turquia + Síria
		<b>Aprofundamento 5</b>	Degradação das relações

## 5.C. EXERCÍCIO SOBRE COESÃO DE GÊNERO, NÚMERO E PESSOA

Se **me, te, lhe**<sup>1</sup> dizem que faças o que quiseres, a **primeiro, primeira, primeiras**<sup>2</sup> coisa que parece aconselhável é que **penses, penso, pensa**<sup>3</sup> com tempo e a fundo o que é aquilo que queres. Apetecem-te com certeza **muita, muito, muitas**<sup>4</sup> coisas, geralmente **contraditório, contraditória, contraditórias**<sup>5</sup>, como acontece com toda a gente: queres ter uma moto, mas não **quero, queres, quer**<sup>6</sup> partir a cabeça no asfalto, **quero, quer, queres**<sup>7</sup> ter amigos, mas sem perderes a tua independência, **queres, quer, quero**<sup>8</sup> ter dinheiro, mas não **quer, quero, queres**<sup>9</sup> sujeitar-te ao próximo para o conseguires, **quero, quer, queres**<sup>10</sup> saber coisas e por isso compreendes que é preciso estudar, mas também **quero, queres, quer**<sup>11</sup> divertir-te, queres que eu não te chateie e te deixe viver à **sua, tua, minha**<sup>12</sup> maneira, mas também que esteja presente para te ajudar quando **necessito, necessitas, necessitamos**<sup>13</sup> disso, etc. **Numa, Num, Numas**<sup>14</sup> palavra, se tivesses que resumir tudo isto e pôr sinceramente em palavras o **meu, seu, teu**<sup>15</sup> desejo global e mais profundo, dir-me-ias: «Olha, pai, o que eu quero é *ter uma vida bom, boa, boas*<sup>16</sup>.» Bravo! O prémio para **este, esta, estes**<sup>17</sup> senhor! Era isso mesmo o meu conselho: quando te disse «**faço, faça, faz**<sup>18</sup> o que quiseres», o que, no fundo, pretendia recomendar-te é que tivesses o atrevimento de teres uma vida **boa, bom, boas**<sup>19</sup>.

Queres ter uma vida boa: magnífico. Mas também queres que essa vida boa não seja a vida boa de **a, um, uma**<sup>20</sup> couve-flor ou de **a, um, uma**<sup>21</sup> escaravelho, com todo o respeito que tenho por **ambos, ambas, essas**<sup>22</sup> as espécies, mas uma vida *humana* boa. É o que te interessa, creio eu. E tenho a certeza de que tu não **renunciaríamos, renunciaria, renunciarias**<sup>23</sup> a isso por nada **desta, destes, deste**<sup>24</sup> mundo. Ser-se humano, já o vimos antes, consiste principalmente em ter relações com outros seres **humanas, humano, humanos**<sup>25</sup>. Se pudesses ter muito, muito dinheiro, **um, uma, umas**<sup>26</sup> casa mais luxuosa do que **um, uma, umas**<sup>27</sup> palácio das mil e **um, uma, umas**<sup>28</sup> noites, as melhores roupas, os alimentos mais **requintados, requintado, requintada**<sup>29</sup>, a aparelhagem mais **perfeitas, perfeita, perfeito**<sup>30</sup>, etc., mas tudo isso à custa de não voltares a ver nem a ser visto – nunca – por um outro ser humano, ficarias **satisfeitos, satisfeito, satisfeitas**<sup>31</sup>? Quanto tempo poderias viver assim sem te **tornar, tornarmos, tornares**<sup>32</sup> *louco*? Não será a maior **do, da, das**<sup>33</sup> loucuras querermos as coisas à custa da relação com as pessoas? Mas se justamente a graça de todas as coisas de que falámos assenta no facto de te permitirem – ou parecerem permitir – relacionares-te mais favoravelmente com **o, as, os**<sup>34</sup> outros! Muito **pouco, pouca, poucas**<sup>35</sup> coisas conservam a sua graça na solidão; e se a solidão for **completo, completos, completa**<sup>36</sup> e **definitivo, definitivos, definitiva**<sup>37</sup>, todas as coisas se volvem irremediavelmente **amargo, amargas, amarga**<sup>38</sup>. A vida humana boa é vida boa *entre seres humanos* ou, caso contrário, pode ser que seja ainda vida, mas não será nem **bom, boa, boas**<sup>39</sup> nem **humano, humana, humanas**<sup>40</sup>.

Fernando Savater, *Ética para um Jovem*, 7.<sup>a</sup> ed., trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Presença, 2000

Exame de Português, 12.<sup>o</sup> ano (adaptado) (Ministério da Educação)

Se **te**<sup>1</sup> dizem que faças o que quiseres, a **primeira**<sup>2</sup> coisa que parece aconselhável é que **penses**<sup>3</sup> com tempo e a fundo o que é aquilo que **queres**. Apetecem-te com certeza **muitas**<sup>4</sup> coisas, geralmente **contraditórias**<sup>5</sup>, como acontece com toda a gente: **queres** ter uma moto, mas não **queres**<sup>6</sup> partir a cabeça no asfalto, **queres**<sup>7</sup> ter amigos, mas sem perderes a tua independência, **queres**<sup>8</sup> ter dinheiro, mas não **queres**<sup>9</sup> sujeitar-te ao próximo para o consegures, **queres**<sup>10</sup> saber coisas e por isso compreendes que é preciso estudar, mas também **queres**<sup>11</sup> divertir-te, **queres** que eu não te chateie e te deixe viver à **tua**<sup>12</sup> maneira, mas também que esteja presente para te ajudar quando **necessitas**<sup>13</sup> disso, etc. **Numa**<sup>14</sup> palavra, se tivesses que resumir tudo isto e pôr sinceramente em palavras o **teu**<sup>15</sup> desejo global e mais profundo, dir-me-ias: «Olha, pai, o que eu quero é *ter uma vida boa*<sup>16</sup>.» Bravo! O prémio para **este**<sup>17</sup> senhor! Era isso mesmo o meu conselho: quando te disse «**faz**<sup>18</sup> o que quiseres», o que, no fundo, pretendia recomendar-te é que tivesses o atrevimento de teres uma vida **boa**<sup>19</sup>.

Queres ter uma vida boa: magnífico. Mas também **queres** que essa vida boa não seja a vida boa de **uma**<sup>20</sup> couve-flor ou de **um**<sup>21</sup> escaravelho, com todo o respeito que tenho por **ambas**<sup>22</sup> as espécies, mas uma vida *humana* boa. É o que te interessa, creio eu. E tenho a certeza de que tu não **renunciarias**<sup>23</sup> a isso por nada **deste**<sup>24</sup> mundo. Ser-se humano, já o vimos antes, consiste principalmente em ter relações com outros seres **humanos**<sup>25</sup>. Se pudesses ter muito, muito dinheiro, **uma**<sup>26</sup> casa mais luxuosa do que **um**<sup>27</sup> palácio das mil e **uma**<sup>28</sup> noites, as melhores roupas, os alimentos mais **requintados**<sup>29</sup>, a aparelhagem mais **perfeita**<sup>30</sup>, etc., mas tudo isso à custa de não voltares a ver nem a ser visto – nunca – por um outro ser humano, ficarias **satisfeito**<sup>31</sup>? Quanto tempo poderias viver assim sem te **tornares**<sup>32</sup> *louco*? Não será a maior **das**<sup>33</sup> loucuras querermos as coisas à *custa* da relação com as pessoas? Mas se justamente a graça de todas as coisas de que falámos assenta no facto de te permitirem – ou parecerem permitir – relacionares-te mais favoravelmente com **os**<sup>34</sup> outros! Muito **poucas**<sup>35</sup> coisas conservam a sua graça na solidão; e se a solidão for **completa**<sup>36</sup> e **definitiva**<sup>37</sup>, todas as coisas se voltam irremediavelmente **amargas**<sup>38</sup>. A vida humana boa é vida boa *entre seres humanos* ou, caso contrário, pode ser que seja ainda vida, mas não será nem **boa**<sup>39</sup> nem **humana**<sup>40</sup>.

## Género, Número e Pessoa

<b>GÉNERO</b>		<b>NÚMERO</b>	
MASCULINO	FEMININO	SINGULAR	PLURAL
<b>-O</b>	<b>-A</b>	<b>-</b>	<b>-S</b>
carro	batata	carro	carros
cavalo	roda	roda	rodas
gato	gata	gato	gatos
<b>PESSOA</b>			
	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
SINGULAR	<b>EU</b> canto	<b>TU</b> cantas	<b>ELE</b> canta
PLURAL	<b>NÓS</b> cantamos	<b>VOCÊS</b> cantam	<b>ELAS</b> cantam

## 5.D. EXERCÍCIO SOBRE COESÃO DE TEMPO E MODO VERBAL

O processo que **tinha conduzido, conduziu, conduz**<sup>1</sup> à primeira alunagem humana, em 1969, **remonta, remontava, remontou**<sup>2</sup> pelo menos a 1957. A 14 de outubro **daquele, desse, do**<sup>3</sup> ano, um grupo de engenheiros soviéticos **lançaria, lançava, lança**<sup>4</sup> um foguetão do cosmódromo do Cazaquistão, colocando assim em órbita terrestre o primeiro projeto de veículo espacial fabricado pelo homem. A União Soviética **tinha colocado, colocou, coloca**<sup>5</sup> em órbita o primeiro satélite artificial da história; a era espacial **começará, começa, tinha começado**<sup>6</sup>. A repercussão da viagem orbital em todo o mundo **é, tinha sido, foi**<sup>7</sup> imensa e, provavelmente, em nenhum outro país, a seguir à própria União Soviética, terá sido maior do que nos Estados Unidos. O facto de o inimigo **tinha, tiver, ter**<sup>8</sup> capacidade para colocar no espaço uma bola de 84 quilos de peso acarretava consideráveis consequências psicológicas, propagandísticas e estratégicas. Na perspetiva atual, as reações dos meios de comunicação, dos partidos políticos ou da comunidade científica podem parecer exageradas, mas **tinham refletido, refletem, refletiam**<sup>9</sup> o estado de espírito dominante na época.

Ao primeiro Sputnik **seguiram-se, seguem-se, seguir-se-ão**<sup>10</sup> outras façanhas da URSS, e os Estados Unidos procuraram dar réplica a essas iniciativas, com maior ou menor rapidez. A União Soviética, cujo líder político **foi, tinha sido, era**<sup>11</sup> então Nikita Khrustchov e cujo principal cientista para as questões espaciais **foi, tinha sido, era**<sup>12</sup> Serguei Korolev, enviou à Lua naves não tripuladas, que **fotografam, fotografaram, tinham fotografado**<sup>13</sup> a superfície (em setembro de 1959) e a face oculta do satélite (um mês depois). Para além disso, **colocou, coloca, colocava**<sup>14</sup> em órbita terrestre diversos cães, à laia de ensaios para um futuro envio de seres humanos ao espaço. Com Khrustchov e Korolev, a astronáutica soviética **tinha vivido, viveu, viverá**<sup>15</sup> a sua época dourada. Embora os Estados Unidos também **tivessem colocado, tinham colocado, colocaram**<sup>16</sup> um satélite em órbita pouco depois do seu rival e enviado naves não tripuladas à Lua, os seus feitos **vão, foram, iam**<sup>17</sup> a reboque dos da União Soviética. A decisão mais importante desses anos **foi, tinha sido, era**<sup>18</sup> a criação de uma agência espacial de índole civil: a National Aeronautics and Space Administration, mais conhecida como NASA. Esta instituição começou a funcionar a 1 de outubro de 1958 e **centralizou, centralizará, tinha centralizado**<sup>19</sup> toda a atividade espacial que não **corresponderia, correspondeu, corresponderia**<sup>20</sup> à esfera estritamente militar.

Ricardo Artola, «Os Americanos Dão o Salto para a Lua», in *Século XX – Homens, Mulheres e Factos que Mudaram a História*, Lisboa, Público/El País (adaptado)

Exame de Português, 12.º ano (adaptado) (Ministério da Educação)

O processo que **conduziu**<sup>1</sup> à primeira alunagem humana, em 1969, **remonta**<sup>2</sup> pelo menos a 1957. A 14 de outubro **desse**<sup>3</sup> ano, um grupo de engenheiros soviéticos **lançava**<sup>4</sup> um foguetão do cosmódromo do Cazaquistão, colocando assim em órbita terrestre o primeiro projeto de veículo espacial fabricado pelo homem. A União Soviética **tinha colocado**<sup>5</sup> em órbita o primeiro satélite artificial da história; a era espacial **tinha começado**<sup>6</sup>.

A repercussão da viagem orbital em todo o mundo **foi**<sup>7</sup> imensa e, provavelmente, em nenhum outro país, a seguir à própria União Soviética, terá sido maior do que nos Estados Unidos. O facto de o inimigo **ter**<sup>8</sup> capacidade para colocar no espaço uma bola de 84 quilos de peso acarretava consideráveis conseqüências psicológicas, propagandísticas e estratégicas. Na perspetiva atual, as reações dos meios de comunicação, dos partidos políticos ou da comunidade científica podem parecer exageradas, mas **refletem**<sup>9</sup> o estado de espírito dominante na época.

Ao primeiro Sputnik **seguiram-se**<sup>10</sup> outras façanhas da URSS, e os Estados Unidos procuraram dar réplica a essas iniciativas, com maior ou menor rapidez. A União Soviética, cujo líder político **era**<sup>11</sup> então Nikita Khrustchov e cujo principal cientista para as questões espaciais **era**<sup>12</sup> Serguei Korolev, enviou à Lua naves não tripuladas, que **fotografaram**<sup>13</sup> a superfície (em setembro de 1959) e a face oculta do satélite (um mês depois). Para além disso, **colocou**<sup>14</sup> em órbita terrestre diversos cães, à laia de ensaios para um futuro envio de seres humanos ao espaço. Com Khrustchov e Korolev, a astronáutica soviética **viveu**<sup>15</sup> a sua época dourada. Embora os Estados Unidos também tivessem **colocado**<sup>16</sup> um satélite em órbita pouco depois do seu rival e enviado naves não tripuladas à Lua, os seus feitos **foram**<sup>17</sup> a reboque dos da União Soviética. A decisão mais importante desses anos **foi**<sup>18</sup> a criação de uma agência espacial de índole civil: a National Aeronautics and Space Administration, mais conhecida como NASA. Esta instituição começou a funcionar a 1 de outubro de 1958 e **centralizou**<sup>19</sup> toda a atividade espacial que não **correspondesse**<sup>20</sup> à esfera estritamente militar.

## Tempo e modo verbal

		MODO
	Realidade	> INDICATIVO
	Condição	> CONDICIONAL
	Possibilidade / Hipótese	> CONJUNTIVO
		TEMPO
Passada	Inacabada	> PRETÉRITO IMPERFEITO
	Acabada	> PRETÉRITO PERFEITO
	Acabada antes doutra	> PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
Presente		> PRESENTE
Futura		> FUTURO

CANTAR		
Ele <b>canta</b>	Realidade presente	Presente do indicativo
Ele <b>cantava</b>	Realidade inacabada	Pretérito imperfeito do indicativo
Ele <b>cantou</b>	Realidade acabada	Pretérito perfeito do indicativo
Ele <b>tinha cantado</b>	Realidade anterior a realidade acabada	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Ele <b>cantará</b>	Realidade futura	Futuro do indicativo
Ele <b>cantaria se</b>	Realidade condicional	Presente do condicional
Que ele <b>cante</b>	Possibilidade presente	Presente do conjuntivo
Se ele <b>cantar</b>	Possibilidade futura	Futuro do conjuntivo
Se ele <b>cantasse</b>	Possibilidade inacabada / improvável	Pretérito imperfeito do conjuntivo

## 6. TIPOS DE TEXTOS

**É** relativamente consensual que há seis tipos de textos, de acordo com a sua função, a sua estrutura e os seus elementos linguísticos, sendo, porém, frequente a produção de textos com características de diferentes tipos. Os textos mais frequentes em situação de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino superior são os textos expositivos, os textos argumentativos e os textos instrucionais, tanto orais como escritos ou multimodais. Por exemplo, a apresentação oral de um trabalho em sala de aula é um texto expositivo, tal como um debate tem por base os textos argumentativos de cada interveniente e o questionamento do professor durante a prática docente é um género de texto instrucional. Em qualquer caso, o **texto verbal, oral ou escrito**, pode ser complementado com **textos visuais** como tabelas, diagramas, mapas, fotografias e outros recursos gráficos. Nestes textos multimodais, geralmente com recurso a tecnologias digitais, o significado global é veiculado pela totalidade de linguagens verbais e visuais.

O **texto expositivo** assenta na exposição ou explicação de um tema, situação ou evento que pressupõe a apresentação pormenorizada do assunto em questão. Neste tipo de texto, a introdução inclui uma apresentação sumária do assunto, a justificação da sua abordagem e os tópicos que serão abordados. Na parte mais extensa do texto, o desenvolvimento, são pormenorizadamente expostos os diferentes tópicos do assunto. Por fim, na conclusão, faz-se uma síntese que remete para a introdução, destacando e relacionando os aspetos mais importantes do desenvolvimento. Teoricamente, um texto expositivo académico, apesar de ser entregue a um professor, tem como destinatário formal um leitor universal, anónimo, desconhecido, no sentido em que o texto deve poder ser plenamente compreendido por qualquer eventual leitor. Verifica-se também um apagamento ou ausência da subjetividade ou ponto de vista do sujeito que fala ou escreve.

O **texto argumentativo**, pelo contrário, tem por objetivo a apresentação e defesa da opinião do sujeito que fala ou escreve. Ele assenta justamente na avaliação subjetiva que o sujeito faz acerca de determinado tema, situação ou evento e em defesa da qual apresenta as suas razões. O conteúdo do texto é também muito dependente dos destinatários que podem ser interpelados pelo sujeito. A introdução típica dum texto argumentativo contém uma síntese da opinião ou tese que é defendida. No desenvolvimento, apresentam-se os argumentos a favor da tese e refutam-se eventuais contra-argumentos que a possam pôr em causa. Na conclusão, retoma-se a opinião e resumem-se os argumentos.

O **texto instrucional** ou normativo veicula instruções ou procedimentos a seguir, servindo para guiar, orientar ou regular a execução duma atividade ou tarefa. É, como tal, um texto de natureza objetiva e prescritiva. Uma receita culinária ou uma bula médica são exemplos de textos instrucionais. Num texto instrucional académico como o enunciado de um teste de avaliação, as geralmente designadas perguntas muitas vezes não são formuladas com interrogações, mas sim com verbos instrucionais no modo infinitivo ou no modo imperativo. Estes verbos podem também fazer-se acompanhar de advérbios ou locuções adverbiais, que expõem



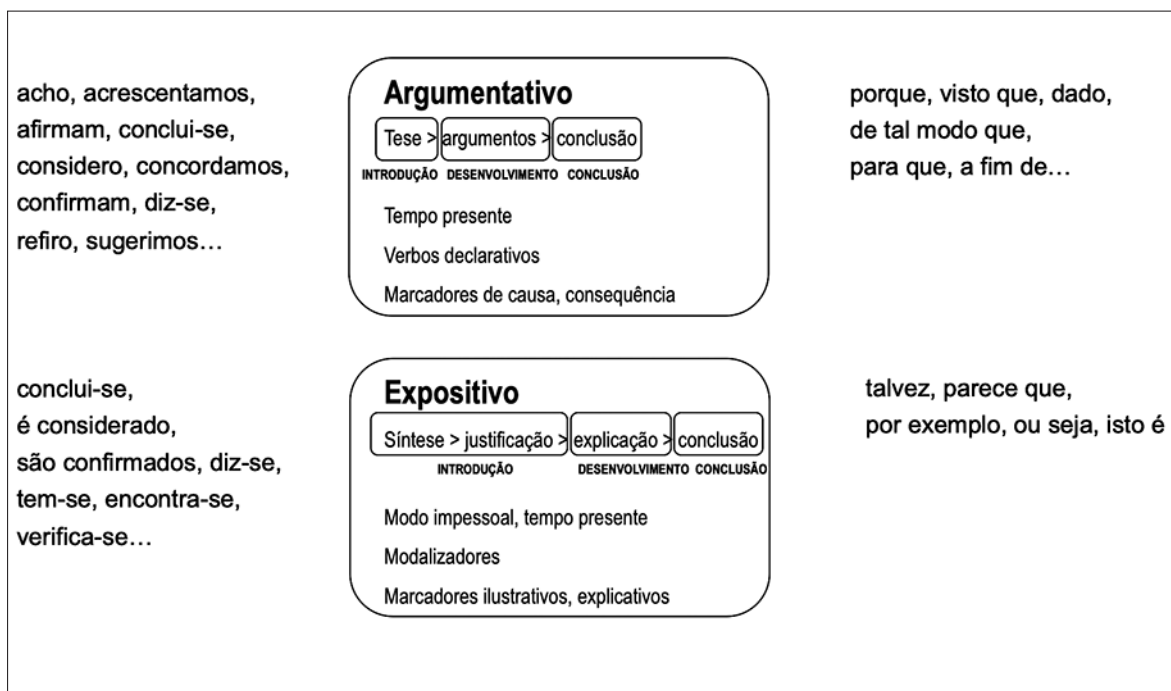
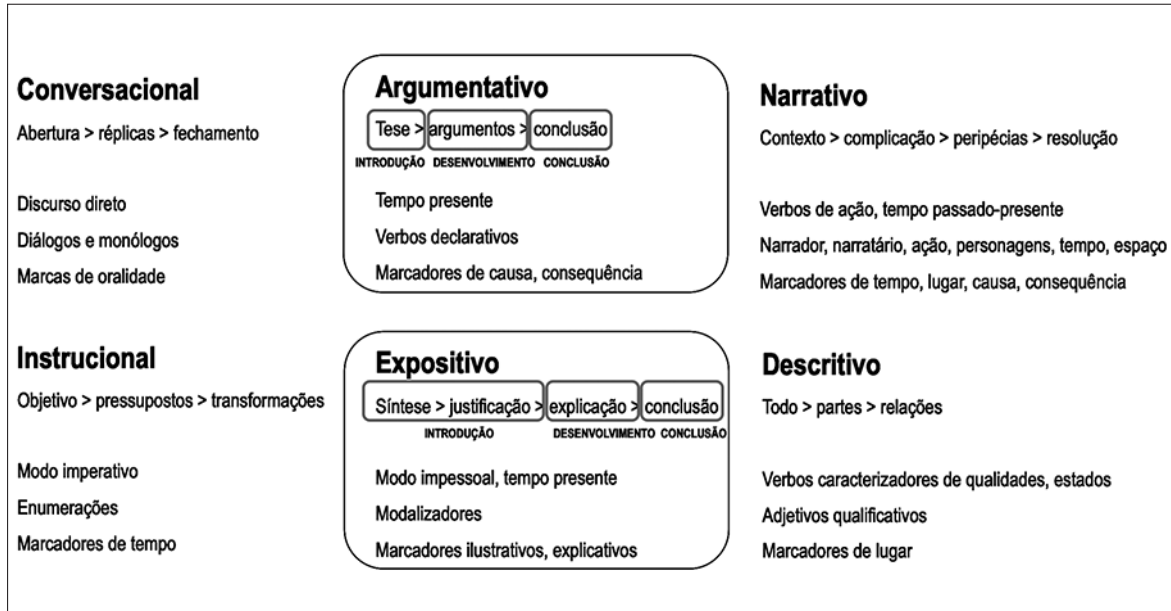
o modo como as ações devem ser realizadas. Os enunciados podem requerer diversos tipos de resposta. Perguntas de resposta fechada (verdadeiro/falso, associação de itens ou escolha múltipla), em que se avalia, por exemplo, a compreensão da leitura, não avaliando a escrita; ou perguntas de resposta aberta, que podem exigir a produção de textos expositivos e/ou de textos argumentativos mais ou menos extensos. Em todos os casos, a resposta adequada depende sempre da correta compreensão do enunciado.

Para a consolidação de conhecimentos sobre tipos de texto e aprofundamento de competências de compreensão e produção de textos académicos, propõem-se os seguintes recursos didáticos:

- 6.A.** Quadros-síntese sobre seis tipos de textos, em geral, e sobre os textos expositivo e argumentativo, em particular, para (re)conhecimento da estrutura e dos recursos linguísticos característicos de cada tipo de texto, seguidos de um texto argumentativo e outro expositivo, sobre uma mesma temática, para neles identificar verbos, modalizadores e marcadores típicos de cada texto;
- 6.B.** Descrição de etapas de preparação e realização duma exposição oral formal, com os respetivos critérios de avaliação;
- 6.C.** Descrição de etapas de preparação e participação num debate, com os respetivos critérios de avaliação;
- 6.D.** Enunciado completo de uma prova de exame de mestrado, com versão informal simplificada e síntese para (re)conhecimento das características deste tipo de texto;
- 6.E.** Um texto instrucional multimodal retirado de um enunciado de exame do 12.º ano, para leitura e interpretação, tendo em vista a planificação ou produção de um texto expositivo oral ou escrito, aprofundando competências de leitura multimodal fundamentais no contexto da literacia digital.

## 6.A. TEXTO EXPOSITIVO E TEXTO ARGUMENTATIVO

### Tipos de texto



A pena de morte é uma punição legal cada vez menos aceitável, cuja abolição, na minha opinião, constitui um enorme avanço civilizacional da humanidade. Considero que esta tendência resulta da afirmação gradual da universalidade dos direitos humanos e das liberdades individuais.

Com efeito, a pena de morte tem vindo a ser abolida num número crescente de países, de tal modo que, em 150 anos, a execução de criminosos deixou de ser a regra geral e hoje só poucas dezenas de países a praticam. Considero que Portugal se pode orgulhar de ter sido um dos primeiros a abolir a pena capital, logo em 1867. Esta alteração foi-se difundindo a par da mudança de mentalidades que levou ao fim da escravatura, do colonialismo, da tortura e de todas as formas de desrespeito pela integridade da vida humana. Por isso, sabendo que nada é garantidamente definitivo, acho que se trata de práticas dum tempo que dificilmente se repetirá. É verdade que nos Estados Unidos, farol dos direitos e liberdades, a pena de morte é praticada. Será a exceção que confirma a regra.

É, para mim, evidente que a execução de pessoas pelo Estado, mesmo se culpadas por crimes hediondos, é uma pena legal em vias de extinção, marca de um tempo em que também havia escravatura e colonialismo. Acho, portanto, que a abolição da pena de morte é uma conquista irreversível da humanidade.

(1.350 CIE; 230 PAL)

A pena de morte é um processo legal pelo qual uma pessoa é morta pelo Estado como punição por um crime cometido. Para se poder ter uma visão mais global sobre a aplicação deste castigo extremo, importa conhecer melhor em que contextos criminais e nacionais ele é ou foi aplicado.

Ao longo dos tempos, a pena de morte tem sido utilizada em casos de homicídio, violação, espionagem, adultério feminino, homossexualidade, corrupção política e por motivos religiosos. Atualmente, ela encontra-se abolida na maioria dos países do mundo, ou seja, a execução de criminosos é permitida por lei e está em prática em 36 países. Entre eles estão, por exemplo, os Estados Unidos da América, a China e a Índia. Com a exceção da Guiné Equatorial, a pena de morte não existe em nenhum país de língua oficial portuguesa. No Brasil, porém, está constitucionalmente prevista para crimes militares em tempo de guerra. Portugal foi dos primeiros países do mundo a abolir a pena de morte, em 1867.

Constata-se, portanto, que a punição de crimes com motivação muito diversa, através da execução é um processo legal que começou a entrar em declínio na segunda metade do século XIX e que, no início do século XXI, menos de um quinto dos países do mundo o tem em vigor.

(1.240 CIE; 214 PAL)

A pena de morte é uma punição legal cada vez menos aceitável, cuja abolição, na minha opinião, constitui um enorme avanço civilizacional da humanidade. Considero que esta tendência resulta da afirmação gradual da universalidade dos direitos humanos e das liberdades individuais.

Com efeito, a pena de morte tem vindo a ser abolida num número crescente de países, de tal modo que, em 150 anos, a execução de criminosos deixou de ser a regra geral e hoje só poucas dezenas de países a praticam. Considero que Portugal se pode orgulhar de ter sido um dos primeiros a abolir a pena capital, logo em 1867. Esta alteração foi-se difundindo a par da mudança de mentalidades que levou ao fim da escravatura, do colonialismo, da tortura e de todas as formas de desrespeito pela integridade da vida humana. Por isso, sabendo que nada é garantidamente definitivo, acho que se trata de práticas dum tempo que dificilmente se repetirá. É verdade que nos Estados Unidos, farol dos direitos e liberdades, a pena de morte é praticada. Será a exceção que confirma a regra.

É, para mim, evidente que a execução de pessoas pelo Estado, mesmo se culpadas por crimes hediondos, é uma pena legal em vias de extinção, marca de um tempo em que também havia escravatura e colonialismo. Acho, portanto, que a abolição da pena de morte é uma conquista irreversível da humanidade.

(1.350 CIE; 230 PAL)

A pena de morte é um processo legal pelo qual uma pessoa é morta pelo Estado como punição por um crime cometido. Para se poder ter uma visão mais global sobre a aplicação deste castigo extremo, importa conhecer melhor em que contextos criminais e nacionais ele é ou foi aplicado.

Ao longo dos tempos, a pena de morte tem sido utilizada em casos de homicídio, violação, espionagem, adultério feminino, homossexualidade, corrupção política e por motivos religiosos. Atualmente, ela encontra-se abolida na maioria dos países do mundo, ou seja, a execução de criminosos é permitida por lei e está em prática em 36 países. Entre eles estão, por exemplo, os Estados Unidos da América, a China e a Índia. Com a exceção da Guiné Equatorial, a pena de morte não existe em nenhum país de língua oficial portuguesa. No Brasil, porém, está constitucionalmente prevista para crimes militares em tempo de guerra. Portugal foi dos primeiros países do mundo a abolir a pena de morte, em 1867.

Constata-se, portanto, que a punição de crimes com motivação muito diversa, através da execução é um processo legal que começou a entrar em declínio na segunda metade do século XIX e que, no início do século XXI, menos de um quinto dos países do mundo o tem em vigor.

(1.240 CIE; 214 PAL)

## 6.B. EXPOSIÇÃO ORAL

AGENDAMENTO	Formar grupo de trabalho Calendarizar e definir duração da exposição Selecionar o tema
CONTEÚDO	Identificar palavras-chave ou conteúdos fundamentais Identificar e consultar fontes pertinentes Definir o plano da exposição
MATERIAIS	Preparar projeções: imagens e tópicos Preparar documentos de apoio: textos ou exemplos Fazer o guião: tópicos, projeções e documentos Ensaiai a exposição oral completa
EXECUÇÃO	Expor de forma clara: dicção, velocidade, volume e direção ou projeção da voz Utilizar linguagem corporal adequada: postura, gestos e olhar Utilizar linguagem verbal adequada: construção frásica e vocabulário Apresentar corretamente o conteúdo: estrutura, coerência e progressão Interagir com suportes adequados: tópicos, pertinência, legibilidade e ortografia
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	VOZ: dicção, velocidade, volume e projeção da voz CORPO: postura, gestos e olhar LÍNGUA: construção frásica e vocabulário CONTEÚDO: estrutura, coerência e progressão SUPORTES: tópicos, pertinência, legibilidade e ortografia EXTENSÃO: dentro dos limites mínimo e máximo

## 6.C. DEBATE

PREPARAÇÃO COLETIVA	Definir o tema Selecionar os participantes e o moderador Calendarizar local, data, hora e duração
PREPARAÇÃO INDIVIDUAL	Definir opinião ou tese Selecionar argumentos Recolher informação que apoia argumentos Preparar eventuais documentos de apoio Selecionar contra-argumentos Recolher informação que refuta contra-argumentos Preparar eventuais documentos de apoio Discutir informalmente o tema com colegas, amigos e/ou familiares Escrever plano com opinião, argumentos, contra-argumentos e documentação
EXECUÇÃO	Tomar a palavra dada pelo moderador Evitar interromper interlocutores Estabelecer relação com intervenções anteriores Apresentar opinião e síntese dos principais argumentos Detalhar argumentos de acordo com interpelações Refutar contra-argumentos à medida que (e se) forem apresentados
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	Participa espontaneamente Não interrompe interlocutores Estabelece relação com intervenções anteriores Apresenta argumentos Refuta contra-argumentos Fala fluentemente de forma perceptível Recorre a guião ou plano

## 6.D. TEXTO INSTRUCIONAL

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E SOCIEDADE  
**Sociologia do Desempenho Escolar**  
Exame de 1.<sup>a</sup> época

1. Leia cada uma das seguintes afirmações e diga se a considera verdadeira (V) ou falsa (F). Justifique a sua resposta, baseado nos resultados/dados da investigação produzida (6 valores)

- A. A escola é socialmente seletiva.
- B. Os alunos oriundos da imigração reprovam mais do que os alunos autóctones, independentemente do país de origem.
- C. O insucesso escolar tem relação com as baixas aspirações escolares das famílias.

2. Identifique a alínea correta e justifique a sua escolha (4 valores)

Segundo Bourdieu e Passeron, a maior incidência de insucesso escolar nos alunos das classes populares explica-se

- a) pelo baixo coeficiente de inteligência do aluno.
- b) pela falta de cultura dos pais do aluno.
- c) pela distância existente entre a cultura familiar e a escolar.
- d) Todas as afirmações são verdadeiras.

3. Comente a seguinte afirmação: Basil Bernstein concluiu que as crianças das classes populares são portadoras de uma linguagem pobre e cheia de erros sintáticos (3 valores)

4. A atuação do(a) professor(a) na sala de aula e a organização da própria escola constituem variáveis potenciadoras ou redutoras das oportunidades de sucesso proporcionadas pela instituição escolar.

Identifique os processos e procedimentos que podem produzir esses efeitos. Fundamente a sua resposta (7 valores)

(Teresa Seabra, Departamento de Sociologia,  
ISCTE-IUL, 2018)

### LEITURA DE TEXTO INSTRUCIONAL ACADÉMICO

*As seguintes frases são verdadeiras ou falsas? Porquê? Em que dados baseia a sua opinião?*

*A escola não trata todas os grupos sociais da mesma maneira.*

*Os alunos imigrantes são piores que os outros alunos, qualquer que seja o país donde vêm.*

*As dificuldades escolares dos alunos estão relacionadas com a pouca escolaridade que as famílias esperam que eles completem.*

*Qual é a alínea correta para completar a seguinte frase? Porquê?*

*B&P dizem que as dificuldades escolares dos alunos pobres são provocadas*

- a) pela falta de inteligência.*
- b) pela falta de cultura dos pais.*
- c) pela diferença entre a cultura da família e a cultura da escola.*
- d) pelas razões referidas em a), b) e c).*

*O que é que quer dizer a seguinte frase? BB chegou à conclusão de que as crianças pobres têm uma linguagem simples e cheia de erros.*

*O que o professor faz nas aulas e a forma como a escola está organizada podem aumentar ou diminuir as aprendizagens dos alunos na escola.*

*Quais são os procedimentos do professor e da escola que podem ter efeitos nas aprendizagens dos alunos? Porquê?*

## LEITURA DE TEXTO INSTRUCIONAL ACADÊMICO

sequência de instruções para execução de tarefas de demonstração de aprendizagens  
perguntas que não são frases interrogativas

VERBOS INSTRUCIONAIS  
no imperativo

LEIA

DIGA

JUSTIFIQUE

IDENTIFIQUE

COMENTE

FUNDAMENTE

Porquê?

Qual?

O quê?

Porquê?

TIPO DE RESPOSTA

RESPOSTA FECHADA

Verdadeiro / Falso

Escolha múltipla (4 opções)

RESPOSTA ABERTA

Texto expositivo

Texto argumentativo

## 6.E. TEXTO MULTIMODAL

### Política colonial portuguesa (1930-1975) Exame de História, 12.º ano (Ministério da Educação)

#### Documento 1

##### Acto Colonial (1930)

##### Artigo 2.º

É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações que neles se compreendam, exercendo também a influência moral que lhe é adstrita pelo Padroado do Oriente.

##### Artigo 22.º

Nas colónias atender-se-á ao estado de evolução dos povos nativos, havendo estatutos especiais dos indígenas, que estabeleçam para estes, sob a influência do direito público e privado português, regimes jurídicos de contemporização com os seus usos e costumes individuais, domésticos e sociais, que não sejam incompatíveis com a moral e com os ditames de humanidade.

##### Artigo 35.º

Os regimes económicos das colónias são estabelecidos em harmonia com as necessidades do seu desenvolvimento, com a justa reciprocidade entre elas e os países vizinhos e com os direitos e legítimas conveniências da metrópole e do Império Colonial Português.

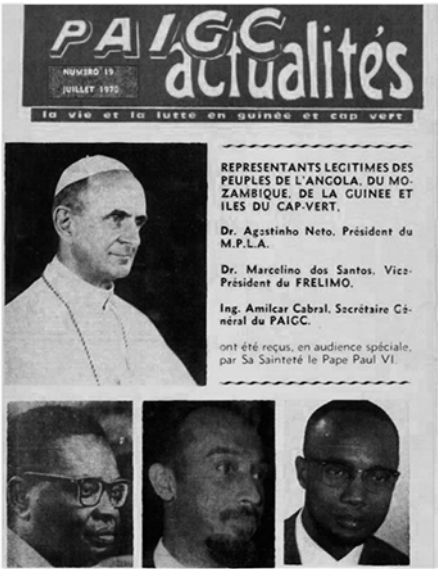
#### Documento 2

##### Valores do comércio Portugal-colónias no total do comércio externo português (1930-1974) (em percentagem)

Anos	1930	1935	1940	1945	1950	1955	1960	1965	1970	1974
Importações	7,97	8,24	12,34	18,72	16,36	13,72	14,35	13,75	14,76	10,50
Exportações	10,85	12,29	12,34	23,72	25,29	23,83	25,57	24,98	24,50	10,98



### Documento 3



REPRESENTANTES LEGÍTIMOS  
DOS POVOS DE ANGOLA, DE MOÇAMBIQUE, DA GUINÉ  
E ILHAS DE CABO VERDE

Dr. Agostinho Neto, Presidente do MPLA,  
Dr. Marcelino dos Santos, Vice-Presidente da FRELIMO,  
Eng.º Amílcar Cabral, Secretário-Geral do PAIGC,  
foram recebidos, em audiência especial, por Sua Santidade  
o Papa Paulo VI.

### Documento 4



Diário de Notícias  
3. MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES  
Domingo, 5 de Julho de 1970

**SURPRESA E PROFUNDA MÁGOA EM TODA A NAÇÃO PORTUGUESA**  
**INSÓLITO E LAMENTÁVEL**  
**O PAPA RECEBEU TERRORISTAS**  
**RESPONSÁVEIS PELA CHACINA DE MILHARES DE CRISTÃOS**  
**O GOVERNO MANIFESTOU O SEU PROTESTO**  
**CHAMOU A LISBOA O EMBAIXADOR DE PORTUGAL**  
**E AGUARDA OS ESCLARECIMENTOS DA SANTA SÉ**

### Documento 5

**Lei 7/74 de 27 de Julho de 1974: direito das colónias à independência**

**Artigo 1.º**

O princípio de que a solução das guerras no Ultramar é política e não militar, consagrado no n.º 8, alínea a), do capítulo B do Programa do Movimento das Forças Armadas, implica, de acordo com a Carta das Nações Unidas, o reconhecimento por Portugal do direito dos povos à autodeterminação.

**Artigo 2.º**

O reconhecimento do direito à autodeterminação, com todas as suas consequências, inclui a aceitação da independência dos territórios ultramarinos [...].

## Documento 1

Acto Colonial (1930)	
<p><b>Artigo 2.º</b></p> <p>É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações que neles se compreendam, exercendo também a influência moral que lhe é adstrita pelo Padroado do Oriente.</p>	<i>Direito a ter, colonizar e civilizar os territórios ultramarinos</i>
<p><b>Artigo 22.º</b></p> <p>Nas colónias atender-se-á ao estado de evolução dos povos nativos, havendo estatutos especiais dos indígenas, que estabeleçam para estes, sob a influência do direito público e privado português, regimes jurídicos de contemporização com os seus usos e costumes individuais, domésticos e sociais, que não sejam incompatíveis com a moral e com os ditames de humanidade.</p>	<i>Adoção de regimes jurídicos especiais para os colonizados (estatuto do indigenato)</i>
<p><b>Artigo 35.º</b></p> <p>Os regimes económicos das colónias são estabelecidos em harmonia com as necessidades do seu desenvolvimento, com a justa reciprocidade entre elas e os países vizinhos e com os direitos e legítimas conveniências da metrópole e do Império Colonial Português.</p>	<i>Adoção de regimes económicos de acordo com interesses da metrópole</i>

## Documento 2

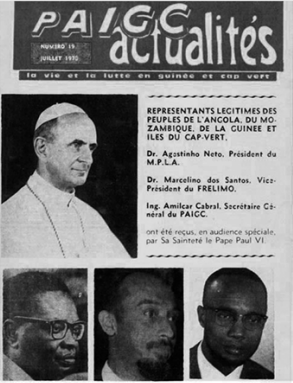
Valores do comércio Portugal-colónias no total do comércio externo português (1930-1974)											
(em percentagem)											
Anos	1930	1935	1940	1945	1950	1955	1960	1965	1970	1974	
Importações	7,97	8,24	12,34	18,72	16,36	13,72	14,35	13,75	14,76	10,50	
Exportações	10,85	12,29	12,34	23,72	25,29	23,83	25,57	24,98	24,50	10,98	

*Aumento das trocas comerciais*

*Abrandamento após 1960 (início da guerra, Angola, 1961)*

*Exportações sempre superiores às importações*

## Documento 3

	<p>REPRESENTANTES LEGÍTIMOS DOS POVOS DE ANGOLA, DE MOÇAMBIQUE, DA GUINÉ E ILHAS DE CABO VERDE</p> <p>Dr. Agostinho Neto, Presidente do MPLA, Dr. Marcelino dos Santos, Vice-Presidente da FRELIMO, Eng.º Amílcar Cabral, Secretário-Geral do PAIGC, foram recebidos, em audiência especial, por Sua Santidade o Papa Paulo VI.</p>	<p><i>1.ª página</i></p> <p><i>Fotografias</i></p> <p><i>Representantes legítimos (exclui UNITA, FNLA, MLSTP)</i></p> <p><i>Dr. e Eng.</i></p> <p><i>Audiência especial</i></p> <p><i>Sua Santidade o Papa</i></p>
---	---	--

## Documento 4



1.ª página  
Surpresa, mágoa, insólito  
lamentável, protesto  
Nação portuguesa, cristãos,  
Papa, Santa Sé  
Terroristas responsáveis  
por chacinas

## Documento 5

Lei 7174 de 27 de Julho de 1974: direito das colónias à independência

### Artigo 1.º

O princípio de que a solução das guerras no Ultramar é política e não militar, consagrado no n.º 8, alínea a), do capítulo B do Programa do Movimento das Forças Armadas, implica, de acordo com a Carta das Nações Unidas, o reconhecimento por Portugal do direito dos povos à autodeterminação.

### Artigo 2.º

O reconhecimento do direito à autodeterminação, com todas as suas consequências, inclui a aceitação da independência dos territórios ultramarinos [...].

Fim do colonialismo português  
Movimento da Forças Armadas  
Carta das Nações Unidas

Reconhecimento do direito à  
independência

## Política colonial portuguesa (1930-1975)

### Lei colonial (1930)

Direito a ter, colonizar e civilizar os territórios ultramarinos  
Adoção de regimes jurídicos especiais para os colonizados (estatuto do indigenato)  
Adoção de regimes económicos de acordo com interesses da metrópole

### Comércio colonial (1930-1974)

Aumento das trocas comerciais  
Abrandamento após 1960 (início da guerra, Angola, 1961)  
Exportações sempre superiores às importações

### Jornal guineense (1970)

1.ª página  
Fotografias  
Representantes legítimos (exclui UNITA, FNLA, MLSTP)  
Dr. e Eng.  
Audiência especial  
Sua Santidade o Papa

### Jornal português (1970)

1.ª página  
Surpresa, mágoa, insólito, lamentável, protesto  
Nação portuguesa, cristãos, Papa, Santa Sé  
Terroristas responsáveis por chacinas

### Lei de reconhecimento da autodeterminação (1974)

Fim do colonialismo português  
Movimento da Forças Armadas  
Carta das Nações Unidas  
Reconhecimento do direito à independência

## 7. PRODUÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS ESCRITOS

São inúmeros os gêneros textuais cuja produção escrita é exigida em contexto acadêmico de aprendizagem. Além da tomada de notas durante as aulas e da resposta a testes de avaliação, é fundamental que os estudantes sejam capazes de **produzir textos a partir de outros textos**, seja para os resumir seja para, com eles, construir novos textos originais da sua autoria. Todo o processo de escrita deve passar pelas etapas de planificação, de execução e de revisão.

**Resumir** tem como principal função produzir um texto abreviado ou sintetizado, a partir de um outro texto. Este processo de sumarização e objetividade permite uma melhor retenção da informação relevante, facilitando a sua compreensão e a sua eventual apresentação. Como ferramenta de aprendizagem, o resumo poderá também servir para praticar a capacidade de síntese, para organizar matéria de estudo e para guardar informação com maior facilidade.

Na escrita, condensar a informação textual implica, em primeiro lugar, tomar **contacto com o texto** que queremos resumir, lendo-o com calma, percebendo o seu **tema** e as suas **ideias fulcrais**, bem como as ideias secundárias e a informação acessória ou irrelevante. Posteriormente, o objetivo será suprimir toda a informação irrelevante, incluindo repetições, redundâncias, exemplos, interjeições ou expressões explicativas, e substituir as frases e expressões relevantes por **versões mais concisas**. Note-se que cada parágrafo do texto original apresentará, idealmente, uma ideia distinta, pelo que, para manter estas ideias, terá de haver um resumo de cada parágrafo, utilizando as **palavras-chave** do mesmo. Estes parágrafos resumidos deverão, por sua vez, ser bem estruturados, encadeando as ideias por forma a construírem um texto coeso e coerente. Para tal, a ordem da informação deverá também ser respeitada, mantendo o  **fio condutor** do texto original.

A produção de um **texto científico** em qualquer área do saber exige a consulta de muitas fontes. Em última análise, qualquer texto é uma **nova unidade coerente e coesa** que resulta de textos anteriores, mas em contexto acadêmico, todos os textos anteriores, todas as fontes, têm de ser credíveis e identificados. A criação de um novo texto coerente e coeso e a **identificação das fontes** são problemas recorrentes entre a generalidade dos estudantes do ensino superior, aparentemente agudizados na era digital do *copy-paste* e da reprodução exponencial de informação, indiferentes aos direitos autorais, dois desafios centrais da literacia digital.

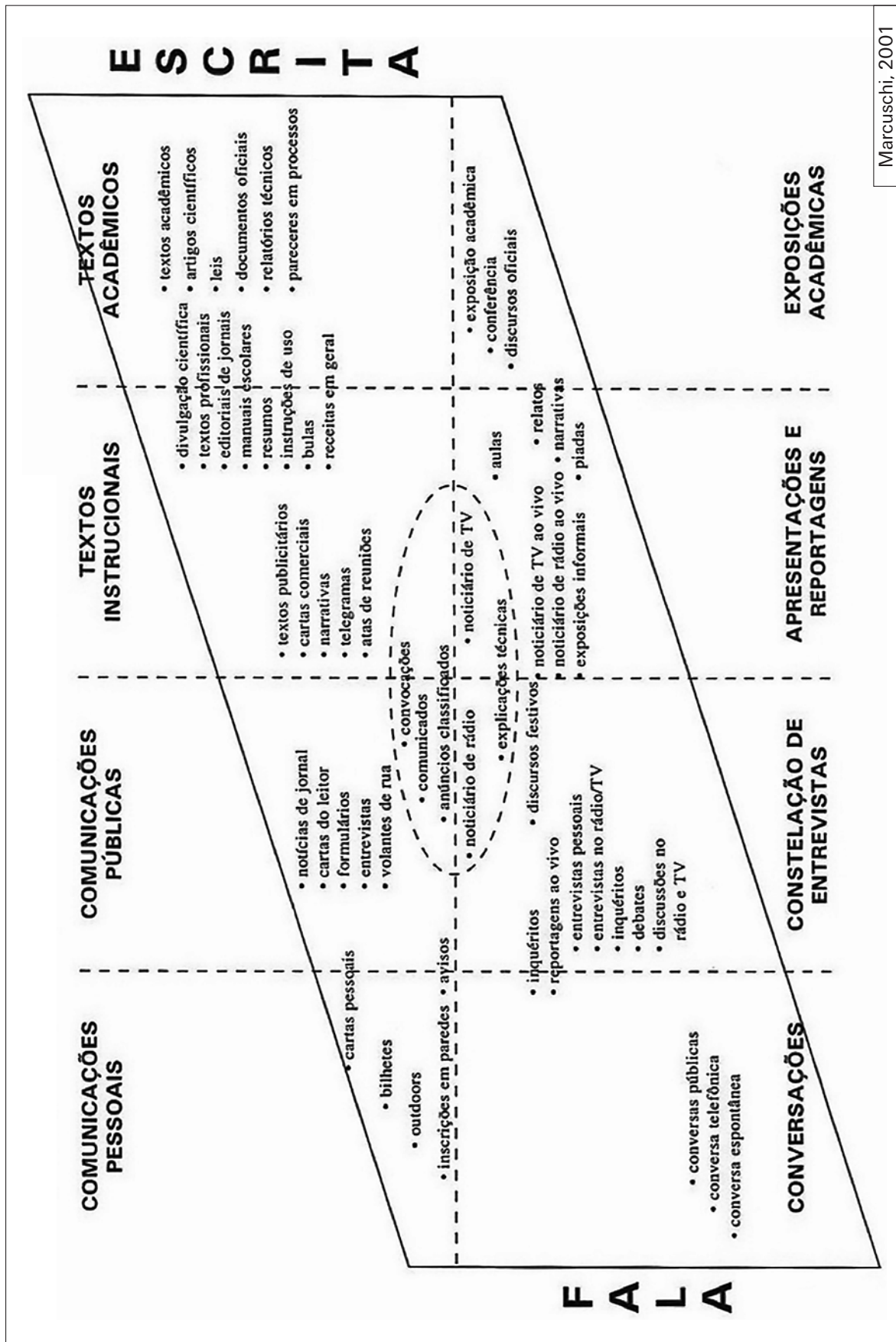
A construção de um **novo texto a partir de outros textos** obriga a um processo idêntico ao da tomada de notas e do início do resumo: a seleção da informação relevante nas fontes selecionadas. De acordo com o texto pretendido, a informação relevante da fonte poderá variar. A informação selecionada nas diferentes fontes deve ser reunida e reorganizada de acordo com os objetivos do novo texto. A partir do plano que daqui resulta, inicia-se então a redação do texto, que não poderá ser uma sequência de excertos mais ou menos identificados dos textos consultados.

A identificação obrigatória das fontes consultadas deve surgir no corpo do texto ou em nota de rodapé e ainda numa listagem final com todas as fontes. A identificação individual da obra sempre que a ela se recorre ao longo do novo texto, numa **citação direta** entre aspas ou numa **citação indireta**, é constituída pelo último apelido do autor, pelo ano de edição e pelos números das páginas consultadas. Para a listagem final, intitulada **bibliografia** ou referências bibliográficas, há muitos modelos ligeiramente diferentes, mas, em todos, cada entrada é constituída, pelo menos, pelo apelido do autor, a inicial do primeiro nome, o ano de publicação, o título, a localidade e a editora. O registo de **livros, capítulos de livros e artigos de revista** apresentam sempre diferenças entre si. O importante é que num mesmo texto as referências aos diferentes tipos de fontes sigam um único e mesmo modelo que inclua os elementos mínimos exigidos.

Para a prática de produção de géneros textuais académicos a partir de outros textos, propõem-se os seguintes recursos:

- 7.A. Quadro-síntese sobre géneros textuais orais e escritos para refletir com os/as estudantes acerca da diversidade de géneros, de acordo com diferentes parâmetros de classificação;
- 7.B. Texto para resumir, com exemplificação de etapas de resumo: sublinhados, plano e resumo;
- 7.C. Conjunto de textos da *internet*, incluindo dois em inglês, grelha de recolha de informação, exemplos de planos de textos, critérios de avaliação e ficha de *feedback*, para a produção de textos a partir de várias fontes e de que são apresentados dois exemplos;
- 7.D. Modelos e exemplos de referências bibliográficas de citações diretas e indiretas, de livros e artigos ou capítulos de livros, para identificar a posição e formatação de cada elemento obrigatório;
- 7.E. Fichas técnicas e índice de livros para a produção das respetivas referências bibliográficas.

## 7.A. GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS



Marcuschi, 2001

## 7.B. RESUMO DE TEXTO ESCRITO

### Texto para resumir

É possível (e até bastante provável) que o nosso tempo se caracterize por um esvaziamento do significado das palavras ou, no mínimo, do seu impacto. Como se todos os limites da linguagem tivessem há muito sido transpostos, comprimindo as margens de uma transgressão em tempos celebrada (e ocasionalmente praticada) por vanguardas estéticas e artistas malditos; e como se, num domínio simbólico crescentemente dominado por regimes de imagem cada vez mais acelerados e potentes, pouco espaço sobrasse para a desmedida ambição que certas palavras transportam.

É certo que o amortecimento desse impacto não equivale a uma rarefação, pois é notório que as palavras se multiplicaram e estão agora em todo o lado, digitais ou analógicas, impressas, «pixelizadas», projetadas à nossa volta, preenchendo e saturando de significados o nosso quotidiano, sorrindo-nos, persuadindo-nos, seduzindo-nos com promessas ou governando-nos com imperativos. Simplesmente (e há muito pouco de simples nisto), as palavras servem agora sobretudo de complemento e suporte de imagens, quando não as integram, tornando-se elas próprias um elemento gráfico. É, por isso, inteiramente lícito que nos interroguemos sobre a relação possível entre o esvaziamento das palavras e a sua subordinação à hegemonia das imagens, das quais se diz agora valerem, cada uma delas, mais do que mil palavras, num câmbio tão duvidoso quanto sugestivo.

Este esvaziamento das palavras é particularmente relevante quando nos debruçamos sobre a coisa-manifesto, essa espécie de cometa feito de palavras e lançado em direção ao planeta Terra a uma velocidade vertiginosa e imparável. Porque é feito de palavras, o manifesto deve (tem de) contar com a sua solidez e acutilância, pois só com as palavras certas se torna possível rasgar o manto de conformismo, tédio, banalidade, injustiça ou infâmia contra o qual se dirige. As palavras e a sua capacidade de detonação e perfuração são a pólvora sem a qual o manifesto seria incapaz de se lançar à conquista do mundo, a artilharia necessária para derrubar a grande muralha da China que perante ele se ergue, ameaçadoramente estável e indestrutível, protegendo o Império do Meio dos seus bárbaros vizinhos.

Certas palavras, é sabido, são capazes das mais ousadas proezas, podem ferir e doer, tornam-se imprevisíveis e indomáveis assim que abandonam a lâmpada mágica onde se encontravam abrigadas. Pense-se em termos como «honra», «fé», «verdade», «razão», «liberdade», «progresso» ou «revolução», para mencionar apenas alguns dos mais óbvios, e siga-se o respetivo percurso histórico: quantas vidas foram capazes de determinar e moldar com o seu misterioso poder encantatório, quantas batalhas, disputas, intrigas, escolhas e mudanças operaram ao longo dos tempos.

A banalização das palavras surge como algo novo e sem precedentes, um estado de coisas cujo alcance estamos longe de aferir, ainda que o seu impacto se apresente inegável.

www.teatromariamatos.pt (adaptado)

**GLOSSÁRIO:** *acutilância* (linha 21) – qualidade do que é penetrante; *Império do Meio* (linha 26) – nome ancestral dado à China; *rarefação* (linha 8) – *diminuição da densidade ou da quantidade*.

Exame de Português, 12.º ano (Ministério da Educação)

### Texto com sublinhados

É possível (e até bastante provável) que o nosso tempo se caracterize por um esvaziamento do significado das palavras ou, no mínimo, do seu impacto. Como se todos os limites da linguagem tivessem há muito sido transpostos, comprimindo as margens de uma transgressão em tempos celebrada (e ocasionalmente praticada) por vanguardas estéticas e artistas malditos; e como se, num domínio simbólico crescentemente dominado por regimes de imagem cada vez mais acelerados e potentes, pouco espaço sobrasse para a desmedida ambição que certas palavras transportam.

É certo que o amortecimento desse impacto não equivale a uma rarefação, pois é notório que as palavras se multiplicaram e estão agora em todo o lado, digitais ou analógicas, impressas, «pixelizadas», projetadas à nossa volta, preenchendo e saturando de significados o nosso quotidiano, sorrindo-nos, persuadindo-nos, seduzindo-nos com promessas ou governando-nos com imperativos. Simplesmente (e há muito pouco de simples nisto), as palavras servem agora sobretudo de complemento e suporte de imagens, quando não as integram, tornando-se elas próprias um elemento gráfico. É, por isso, inteiramente lícito que nos interroguemos sobre a relação possível entre o esvaziamento das palavras e a sua subordinação à hegemonia das imagens, das quais se diz agora valerem, cada uma delas, mais do que mil palavras, num câmbio tão duvidoso quanto sugestivo.

Este esvaziamento das palavras é particularmente relevante quando nos debruçamos sobre a coisa-manifesto, essa espécie de cometa feito de palavras e lançado em direção ao planeta Terra a uma velocidade vertiginosa e imparável. Porque é feito de palavras, o manifesto deve (tem de) contar com a sua solidez e acutilância, pois só com as palavras certas se torna possível rasgar o manto de conformismo, tédio, banalidade, injustiça ou infâmia contra o qual se dirige. As palavras e a sua capacidade de detonação e perfuração são a pólvora sem a qual o manifesto seria incapaz de se lançar à conquista do mundo, a artilharia necessária para derrubar a grande muralha da China que perante ele se ergue, ameaçadoramente estável e indestrutível, protegendo o Império do Meio dos seus bárbaros vizinhos.

Certas palavras, é sabido, são capazes das mais ousadas proezas, podem ferir e doer, tornam-se imprevisíveis e indomáveis assim que abandonam a lâmpada mágica onde se encontravam abrigadas. Pense-se em termos como «honra», «fé», «verdade», «razão», «liberdade», «progresso» ou «revolução», para mencionar apenas alguns dos mais óbvios, e siga-se o respetivo percurso histórico: quantas vidas foram capazes de determinar e moldar com o seu misterioso poder encantatório, quantas batalhas, disputas, intrigas, escolhas e mudanças operaram ao longo dos tempos.

A banalização das palavras surge como algo novo e sem precedentes, um estado de coisas cujo alcance estamos longe de aferir, ainda que o seu impacto se apresente inegável.

### Sublinhados por parágrafo

- §1 esvaziamento do significado das palavras – impacto – domínio simbólico crescentemente dominado por regimes de imagem.
- §2 amortecimento desse impacto não equivale a uma rarefação – palavras se multiplicaram – palavras servem agora sobretudo de complemento e suporte de imagens – tornando-se elas próprias um elemento gráfico – relação possível entre o esvaziamento das palavras e a sua subordinação à hegemonia das imagens.
- §3 esvaziamento das palavras é particularmente relevante – coisa-manifesto – com as palavras certa – rasgar o manto de conformismo – manifesto seria incapaz
- §4 capazes das mais ousadas proezas – percurso histórico – foram capazes de determinar e moldar – batalhas, disputas, intrigas, escolhas e mudanças – ao longo dos tempos
- §5 banalização das palavras – novo – impacto – inegável.

### Resumo


Texto original: 448 palavras  
Sublinhados: 104 palavras  
Resumo: 121 palavras (27% do original)

O nosso tempo parece caracterizar-se pelo esvaziamento do impacto do significado das palavras devido ao crescente domínio simbólico das imagens. A diminuição deste impacto não se deve ao uso mais raro das palavras, que se multiplicam no quotidiano, mas ao facto de elas aparecerem sobretudo como complemento de imagens tornando-se, elas próprias, em elementos gráficos. Haverá, então, uma relação entre o esvaziamento das palavras e o predomínio das imagens? Na coisa-manifesto, feita com as palavras certas para destruir o conformismo, é mais evidente o efeito negativo que pode ter o esvaziamento dos significados das palavras que, ao longo da história da humanidade, moldaram vidas, produziram conflitos e mudanças. A atual banalização das palavras é uma novidade e tem um impacto inegável.



## 7.C. TEXTO COM VÁRIAS FONTES

### Texto 1



Pesquisa global | Enciclopédia | 22 Dicionários

PESQUISA AVANÇADA

LOGIN  
AJUDA

## Butão

### Geografia

País do Sul da Ásia. O Butão situa-se na vertente sul da cordilheira dos Himalaias e possui uma superfície de 47 000 km<sup>2</sup>. Está limitado pela China, a norte, e pela Índia, a leste, sul e oeste. As cidades mais importantes são Timphu, a capital, com 62 500 habitantes (2004) e Phuntsholing (60 400hab.) (2004).

### Clima

O clima é de monção, com grande influência da altitude. Nas regiões menos elevadas, o clima é sufocante, com precipitações muito elevadas. Na alta montanha, a temperatura é bastante baixa e a precipitação, com frequência sob a forma de neve, é mais escassa.

### Economia

A economia do país baseia-se na agricultura, produzindo-se laranjas, milho, batata, cana-de-açúcar, maçã, pimentos, trigo e cevada. A Índia constitui o principal parceiro comercial do Butão. Indicador ambiental: o valor das emissões de dióxido de carbono, *per capita* (toneladas métricas, 1999), é de 0,5.

### População

A população é de 2 279 723 habitantes (est. 2006), o que corresponde a uma densidade populacional de 47,5 hab./km<sup>2</sup>. As taxas de natalidade e de mortalidade são, respetivamente, de 33,65‰ e 12,7‰. A esperança média de vida é de 54,78 anos. O valor do Índice do Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,511 (2001) (IDG sem dados). As maiores etnias são a Bhotia, com 50%, a Nepalesa (Gurung), com 35%, e a Sharchop, com 15%. A religião maioritária é a budista (70%), seguindo-se-lhe a hindu (25%) e a muçulmana (5%). A língua oficial é o dzongkha (um dialeto tibetano)

### História

Este país dos Himalaias, conhecido como a Terra do Dragão, foi governado por monges até 1907, data em que foram substituídos por um monarca (o Druk Gyalpo), conhecido por Rei-Dragão. Atualmente o rei é assistido por uma assembleia nacional.

*Butão*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$butao](http://www.infopedia.pt/$butao)>.

## Texto 2



Enciclopédia e Dicionários Porto Editora

Pesquisa global | Enciclopédia | 22 Dicionários

LOGIN  
AJUDA

 PESQUISA AVANÇADA

### Himalaias

Maior sistema montanhoso da Ásia, que forma uma barreira entre o planalto do Tibete a norte e as planícies aluviais da Índia a sul. Tem uma área de 594 400 km<sup>2</sup>. É composta por 30 montanhas que se elevam a mais de 7300 metros de altitude. Estendem-se por 2500 km, desde o pico Nanga Parbat, no território de Jammu e de Caxemira (Índia), até ao pico Namcha Barwa, no Tibete (China).

*Himalaias*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013.  
Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$himalaias](http://www.infopedia.pt/$himalaias)>.

## Texto 3

Ethnologue  
Languages of the World

WORLD LANGUAGES DEVELOPMENT ENDANGERMENT STATISTICS ABOUT

Search Ethnologue... »

### Bhutan

COUNTRY LANGUAGES STATUS MAPS

Language Status Profile

**Dzongkha**  
[dzo] Ha, Paru, Punakha districts. Also in India, Nepal. 160,000 in Bhutan (2006). Population total all countries: 171,300. *Status*: 1 (National). Statutory national language (2008, Constitution, Article 1(8)). *Alternate Names*: Bhotia of Bhutan, Bhotia of Dukpa, Bhutanese, Drukha, Drukke, Dukpa, Jonkha, Rdzongkha, Zongkhar *Dialects*: Ha, Northern Thimphu, Wang-The (Thimphu-Punakha). As different from Central Tibetan [bod] as Nepali [npi] is from Hindi [hin]. Partially intelligible with Sikkimese [sip] (Denjoke). Dialects may be separate languages. Lexical similarity: 48% with Tshangla [tsj], 47%–52% with Bumthangkha [kjj], 77% with Adap [adp]. *Classification*: Sino-Tibetan, Tibeto-Burman, Western Tibeto-Burman, Bodish, Central Bodish, Central, Southern Buddhist.  
[More Information](#)

### Bhutan

COUNTRY LANGUAGES STATUS MAPS

1 (National)	Show Details »
3 (Wider communication)	Show Details »
4 (Educational)	Show Details »
5 (Dispersed)	Show Details »
6a (Vigorous)	Show Details »
6b (Threatened)	Show Details »
7 (Shifting)	Details ▾

**1 (National) Details**[Show Details](#)  
**Dzongkha**  
[dzo] 1 (National). Statutory national language (2008, Constitution, Article 1(8)). 160,000 in Bhutan (2006). Population total all countries: 171,300.

**3 (Wider communication) Details**[Show Details](#)  
**English**  
[[eng] 3 (Wider communication). De facto national working language.

**4 (Educational) Details**[Show Details](#)  
**Tibetan**  
[bod] 4 (Educational). 4,700 in Bhutan (2000).  
**Tshangla**  
[[tsj] 4 (Educational). De facto language of provincial identity in eastern and southeastern Bhutan. 140,000 in Bhutan (1999 SIL). Population total all countries: 158,200.

<http://www.ethnologue.com/country/BT/languages> (2019)

## Texto 4

### Butão Montanhas dos deuses

No meio de vales e altas montanhas, encaixado entre a Índia e o Tibete, o Butão é um país perdido no tempo que vive ao ritmo de tradições milenares, onde não é fácil entrar...

Poucos sabem dizer onde fica o Butão. No entanto, a resposta é fácil. Trata-se de um pequeno país esquecido entre as altas montanhas que se erguem na direção do céu, servindo como contrafortes da cordilheira dos Himalaias. A geopolítica transformou-o numa zona tampão entre a Índia e o Tibete engolido pela República Popular da China, deixando-o ali esquecido.

Talvez por isso, vive num regime quase feudal sob a égide de Jigme Wangchuck — o rei que tudo controla —, temente da autoridade religiosa da hierarquia do clero budista que sobrevive nas antigas fortalezas que em tempos reuniam o poder militar e o secular — os dzong — em torno dos quais se aglutinam pequenas aldeias de casas cuja arquitetura não se altera há séculos.



#### Limite de entradas

Num país que vive parado no tempo, tudo é diferente.

O Butão é um local perdido, logo, para lá chegar e para lá entrar, é necessário vencer montanhas de dificuldades. Tudo começa pela política de quotas. Em nome da preservação dos costumes, o número de estrangeiros está limitado a 5000 por ano...

Depois, apenas há duas entradas e uma até tem porta. É a cidade de Phutsholing, no fim da qual se ergue um grande arco que serve de passagem para Jaigalon, a vizinha cidade butanesa. Para quem aí chegar, depois de cruzar a Índia e vencer a instabilidade que reina nas planícies onde a planta do chá floresce como um jardim, a boa vontade dos funcionários e algumas notas podem facilitar tudo: a entrada e um guia/motorista que nos leve a Paro.

Nenhum estrangeiro cruza sozinho as montanhas do Butão. Terá sempre a escolta de um motorista, "polícia" ou guia, como lhe queiram chamar. Se sair de Phuntsoling poderá desfrutar de um longo dia de viagem numa estrada estreita e sinuosa, cortada na falésia, que gira, sobe e desce, atingindo os cerca de 3000 metros de altitude. Nos picos, as bandeiras com as preces impressas no pano mostram desde logo o carácter místico da população. São marcas de passagem que entre nós poderíamos apelidar de peregrinações. A floresta, omnipresente com uma fauna rica, os picos cobertos de neves eternas e os vales onde subsiste a agricultura fazem parte de uma paisagem deslumbrante. Não temos ideia de como seria a Suíça no século XIII, mas não deveria ter sido muito diferente...



<http://www.rotas.xl.pt/1105/1120.shtml> (2019)



## Perguntas mais Frequentes sobre Budismo

- Como nasceu o Budismo?
- Como definir o Budismo?
- Qual é o objetivo do Budismo?
- Quais são os princípios de base do Budismo?
- Quais são os métodos do Budismo?
- Como posso ser budista?
- Quais são os compromissos a que fico ligado depois de tomar Refúgio?
- Onde posso tomar contacto com a prática budista?
- Quando e quem fundou a União Budista em Portugal?

### **Como nasceu o Budismo?**

O Budismo nasceu há 2500 anos na Índia. O seu fundador, o Buda histórico, nasceu príncipe na família dos Shakya. Aos 29 anos renunciou ao reino para procurar respostas aos problemas essenciais da humanidade.

Depois de seis anos de estudo junto de alguns Mestres e de meditação solitária na floresta, atingiu a Libertação ou Iluminação. Buda não é um deus nem um profeta. Buda é um estado que qualquer ser humano tem o potencial de alcançar.

### **Como definir o Budismo?**

Contrariamente a muitas outras religiões, o Budismo é não teísta. Quer isto dizer que não contempla e existência de um Deus criador e se preocupa sobretudo em resolver os problemas humanos essenciais.

Os Budistas tibetanos designam-se a si próprios nangpa, "aqueles que procuram dentro de si". Na verdade, o budismo é uma via de busca e aperfeiçoamento espiritual.

O seu carácter aberto e não dogmático leva cada vez mais pessoas a considerá-lo como uma filosofia, uma arte de vida e mesmo, segundo a opinião de muitos Mestres budistas contemporâneos, uma ciência do espírito.

### **Qual é o objetivo do Budismo?**

Todos os seres procuram a felicidade. Essa busca rege todos os nossos atos e é a finalidade essencial da nossa vida. O objetivo do Budismo é permitir aos homens alcançar a serenidade e a paz mediante a transcendência do sofrimento. A finalidade é o Estado de Buda, um estado de total liberdade e serenidade.

Um dos princípios essenciais do Budismo é o princípio de não-violência e de respeito por todas as formas de vida. Conceitos como o de karma, ou lei da causalidade dos nossos atos, e o de renascimento, ou de uma continuidade da consciência numa sucessão de vidas, são também princípios fundamentais da sua filosofia.

<http://www.uniaobudista.pt/dharma.php?show=faqs> (2019)

## Texto 6

### Índice de Desenvolvimento Humano

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

**Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)** é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvimento (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos a nível nacional. Cada ano, os países membros da ONU são classificados de acordo com essas medidas. O IDH também é usado por organizações locais ou empresas para medir o desenvolvimento de entidades subnacionais como estados, cidades, aldeias, etc.

O índice foi desenvolvido em 1990 pelos economistas Amartya Sen e Mahbub ul Haq, e vem sendo usado desde 1993 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no seu relatório anual.

A partir do relatório de 2010, o IDH combina três dimensões:

- Uma vida longa e saudável: Expectativa de vida ao nascer
- O acesso ao conhecimento: Anos Médios de Estudo e Anos Esperados de Escolaridade
- Um padrão de vida decente: PIB (PPC) per capita

Até 2009, o IDH usava os três índices seguintes como critério de avaliação:

- Índice de educação: Para avaliar a dimensão da educação o cálculo do IDH considera dois indicadores. O primeiro, com peso dois, é a taxa de alfabetização de pessoas com quinze anos ou mais de idade — na maioria dos países, uma criança já concluiu o primeiro ciclo de estudos (no Brasil, o Ensino Fundamental) antes dessa idade. Por isso a medição do analfabetismo se dá, tradicionalmente a partir dos 15 anos. O segundo indicador é a taxa de escolarização: somatório das pessoas, independentemente da idade, matriculadas em algum curso, seja ele fundamental, médio ou superior, dividido pelo total de pessoas entre 7 e 22 anos da localidade. Também entram na contagem os alunos supletivo, de classes de aceleração e de pós-graduação universitária, nesta área também está incluído o sistema de equivalências Rvcc ou Crvcc, apenas classes especiais de alfabetização são descartadas para efeito do cálculo.
- Longevidade: O item longevidade é avaliado considerando a expectativa de vida ao nascer. Esse indicador mostra a quantidade de anos que uma pessoa nascida em uma localidade, em um ano de referência, deve viver. Reflete as condições de saúde e de salubridade no local, já que o cálculo da expectativa de vida é fortemente influenciado pelo número de mortes precoces.
- Renda: A renda é calculada tendo como base o PIB per capita (por pessoa) do país. Como existem diferenças entre o custo de vida de um país para o outro, a renda medida pelo IDH é em dólar PPC (Paridade do Poder de Compra), que elimina essas diferenças.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice\\_de\\_Developolvimento\\_Humano](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice_de_Developolvimento_Humano) (2019)

## Texto 7

### **Felicidade Interna Bruta**

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

**Felicidade Interna Bruta (FIB) ou Gross National Happiness (GNH)** é um conceito de desenvolvimento social criado em contrapartida ao Produto Interno Bruto (PIB).

#### Características

O termo foi criado pelo rei do Butão Jigme Singye Wangchuck, em 1972, em resposta a críticas que afirmavam que a economia do seu país crescia miseravelmente. Esta criação assinalou o seu compromisso de construir uma economia adaptada à cultura do país, baseada nos valores espirituais budistas. Assim como diversos outros valores morais, o conceito de Felicidade Interna Bruta é mais facilmente entendido a partir de comparações e exemplos do que definido especificamente.

Enquanto os modelos tradicionais de desenvolvimento têm como objetivo primordial o crescimento económico, o conceito de FIB baseia-se no princípio de que o verdadeiro desenvolvimento de uma sociedade humana surge quando o desenvolvimento espiritual e o desenvolvimento material são simultâneos, assim se complementando e reforçando mutuamente.

#### Os Pilares da FIB

- Promoção de um desenvolvimento socioeconómico sustentável e igualitário
- Preservação e promoção dos valores culturais
- Conservação do meio ambiente natural
- Estabelecimento de uma boa governança

#### Ver também


- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
- PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- Happy Planet Index – Índice do Planeta Feliz
- Qualidade de vida
- Felicidade
- Bem-estar

#### Ligações externas

- The International Conference on Gross National Happiness (em inglês)
- The Gross International Happiness Project (em inglês)
- Site sobre Felicidade Interna Bruta da Icatu Seguros (em português)
- Site sobre o V Congresso Internacional sobre Felicidade Interna Bruta, ocorrido no Brasil em 2009 (em português)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Felicidade\\_Interna\\_Bruta](http://pt.wikipedia.org/wiki/Felicidade_Interna_Bruta) (2019)

## Texto 8



The banner at the top of the page features the Gross National Happiness logo on the left, which consists of a circular sunburst design. To the right of the logo, the text reads: "GROSS NATIONAL HAPPINESS". Further to the right, a quote is displayed: "GNH is more important than GDP". The understanding of what humans need to make them happy is vital to our society." To the right of the quote is a black and white portrait of His Majesty the Fourth King of Bhutan, Jigme Singye Wangchuck, smiling and wearing a traditional Bhutanese garment.

[HOME](#) [SURVEY RESULTS](#) [GNH INDEX](#) [GNH TOOLS](#) [MULTIMEDIA](#) [9 DOMAINS](#) [NEWS](#)

### GNH: Concept

Gross National Happiness is a term coined by His Majesty the Fourth King of Bhutan, Jigme Singye Wangchuck in the 1970s. The concept implies that sustainable development should take a holistic approach towards notions of progress and give equal importance to non-economic aspects of wellbeing. The concept of GNH has often been explained by its four pillars: good governance, sustainable socio-economic development, cultural preservation, and environmental conservation. Lately the four pillars have been further classified into nine domains in order to create widespread understanding of GNH and to reflect the holistic range of GNH values. The nine domains are: psychological wellbeing, health, education, time use, cultural diversity and resilience, good governance, community vitality, ecological diversity and resilience, and living standards. The domains represents each of the components of wellbeing of the Bhutanese people, and the term 'wellbeing' here refers to fulfilling conditions of a 'good life' as per the values and principles laid down by the concept of Gross National Happiness.

### The GNH Index: What is it?

The Gross National Happiness Index is a single number index developed from 33 indicators categorized under nine domains. The GNH Index is constructed based upon a robust multidimensional methodology known as the Alkire-Foster method ([Click Here for More](#)).

The GNH Index is decomposable by any demographic characteristic and so is designed to create policy incentives for the government, NGOs and businesses of Bhutan to increase GNH. The 33 indicators ([Click Here for an Excel file with more details](#)) under the nine domains aim to emphasize different aspects of wellbeing and different ways of meeting these underlying human needs. The 33 indicators are statistically reliable, normatively important, and easily understood by large audiences ([Click Here for a detailed write-up on this](#)). The domains are equally weighted ([Click Here to view a PDF file on Weighting](#)). Within each domain, the objective indicators are given higher weights while the subjective and self-reported indicators are assigned lower weights.

<http://www.grossnationalhappiness.com/articles/> (2019)



### Grelha para recolha de informação sobre três temas

	<b>Turismo no Butão</b>	<b>Cultura Tibetana no Butão</b>	<b>Felicidade Humana Bruta</b>
Texto 1 (Infopédia, 2013a)	Sul da Ásia; sul dos Himalaias; 47 000 km <sup>2</sup> ; fronteira com China e Índia; cidades mais importantes Timpbu, a capital, e Phuntsholing; nas regiões baixas, clima sufocante e precipitação elevada. Na montanha, temperatura baixa e a precipitação, geralmente neve, mais escassa; agricultura: laranja, milho, batata, cana-de-açúcar, maçã, pimento, trigo e cevada; 2 279 723 habitantes; etnias: Bhotia, 50%, Nepalesa, 35%, e Sharchop, 15%; religião: budista (70%), hindu (25%) e muçulmana (5%). A língua oficial é o dzongkha; Terra do Dragão, governado por monges até 1907, substituídos por um monarca, o Rei-Dragão.	Sul da Ásia; sul dos Himalaias; 47 000 km <sup>2</sup> ; Fronteira com Índia e China; 2 279 723 habitantes; etnias: Bhotia, Nepalesa e Sharchop; eligião maioritária é a budista (70%); língua oficial é o dzongkha, um dialeto tibetano; governado por monges até 1907;	sul dos Himalaias; 47 000 km <sup>2</sup> ; Fronteira com China e Índia; agricultura; baixo valor das emissões de dióxido de carbono, per capita; 2 279 723 habitantes; Índice do Desenvolvimento Humano 0,511; religião maioritária budista; governado por um monarca, o Rei-Dragão;
Texto 2 (Infopédia, 2013b)	Maior sistema montanhoso da Ásia, composto por 30 montanhas que se elevam a mais de 7300 metros de altitude.	Maior sistema montanhoso da Ásia, barreira entre o planalto do Tibete a norte e as planícies da Índia a sul.	
Texto 3 (Ethnologue, 2019)	Além, do dzongkha, também tibetano, tshangla e inglês que é a língua de trabalho mais utilizada.	Língua maioritária da família sino-tibetana além de falantes minoritários de tibetano.	

## Organização da informação – plano do texto

	<b>Turismo no Butão</b>
Texto 1 (Infopédia, 2013a)	Sul da Ásia; sul dos Himalaias; 47 000 km <sup>2</sup> ; fronteira com China e Índia; cidades mais importantes Timphu, a capital, e Phuntsholing; nas regiões baixas, clima sufocante e precipitação elevada. Na montanha, temperatura baixa e a precipitação, geralmente neve, mais escassa; agricultura: laranja, milho, batata, cana-de-açúcar, maçã, pimento, trigo e cevada; 2 279 723 habitantes; etnias: Bhotia, 50%, Nepalesa, 35%, e Sharchop, 15%; religião: budista (70%), hindu (25%) e muçulmana (5%). A língua oficial é o dzongkha; Terra do Dragão, governado por monges até 1907, substituídos por um monarca, o Rei-Dragão.
Texto 2 (Infopédia, 2013b)	Maior sistema montanhoso da Ásia, composto por 30 montanhas que se elevam a mais de 7300 metros de altitude.
Texto 3 (Ethnologue, 2019)	Além, do dzongkha, também tibetano, tshangla e inglês que é a língua de trabalho mais utilizada.

1 Sul da Ásia	13 Terra do Dragão
2 Sul dos Himalaias	1 Sul da Ásia
3 Superfície	2 Sul dos Himalaias
4 Fronteira	15 Sistema montanhoso
5 Cidades	3 Superfície
6 Clima nas regiões baixas	4 Fronteira
7 Clima na montanha	5 Cidades
8 Agricultura	6 Clima nas regiões baixas
9 Habitantes	7 Clima na montanha
10 Etnias	8 Agricultura
11 Religiões	9 Habitantes
12 Língua oficial	10 Etnias
13 Terra do Dragão	11 Religiões
14 Governo	12 Língua oficial
15 Sistema montanhoso	16 Outras línguas
16 Outras línguas	14 Governo

### Turismo no Butão (texto breve)

<ul style="list-style-type: none"> <li>Terra do Dragão</li> <li>Sul da Ásia</li> <li>Sul dos Himalaias</li> <li>Sistema montanhoso</li> <li>Superfície</li> <li>Fronteira</li> <li>Cidades</li> <li>Clima nas regiões baixas</li> <li>Clima na montanha</li> <li>Agricultura</li> <li>Habitantes</li> <li>Etnias</li> <li>Religiões</li> <li>Língua oficial</li> <li>Outras línguas</li> <li>Governo</li> </ul>	<p>A Terra do Dragão é um pequeno reino dos Himalaias, o maior sistema montanhoso da Ásia, com dezenas de picos acima dos 7.000 metros. Entre a Índia e a China, o Butão tem Timphu como a sua também pequena capital. O clima na montanha é frio e seco e nas terras baixas é quente e húmido. A população, de etnia bhotia, nepalesa e sharchop, dedica-se à produção de laranja, milho, batata, cana-de-açúcar, maçã, pimento, trigo e cevada. A religião maioritária é o budismo e a língua oficial, de origem tibetana, é o dzongkha. No entanto, o inglês é a língua de trabalho de facto mais utilizada. Até ao início do século XX, o Butão foi governado por monges tibetanos, altura em que passou a ser, como é hoje, uma monarquia liderada pelo Rei-Dragão.</p>
---	--

### Turismo no Butão (início de texto longo)

<ul style="list-style-type: none"> <li>Terra do Dragão</li> <li>Sul da Ásia</li> <li>Sul dos Himalaias</li> <li>Sistema montanhoso</li> <li>Superfície</li> <li>Fronteira</li> <li>Cidades</li> <li>Clima nas regiões baixas</li> <li>Clima na montanha</li> <li>Agricultura</li> <li>Habitantes</li> <li>Etnias</li> <li>Religiões</li> <li>Língua oficial</li> <li>Outras línguas</li> <li>Governo</li> </ul>	<p>Neste texto, apresentam-se algumas informações de interesse turístico sobre o Butão. A partir de uma cuidada pesquisa em documentos disponíveis na internet (Ethnologue, 2019; Infopédia, 2013a; Infopédia, 2013b) dá-se a conhecer a geografia, a demografia, o clima, as atividades económicas, as etnias, as religiões e um pouco da história deste pequeno país asiático dos Himalaias.</p> <p>O Butão localiza-se na vertente sul dos Himalaias (Infopédia, 2013a), o maior sistema montanhoso da Ásia, com 30 montanhas acima dos 7.000 metros de altitude (Infopédia, 2013b), tem metade da superfície de Portugal e faz fronteira com os dois gigantes asiáticos, a China, nas montanhas altas a norte, e a Índia (Infopédia, 2013a) ...</p>
---	---

**PORTUGUÊS ACADÊMICO**  
**Avaliação da Produção Escrita**

Estudante		Data
<b>Tipo &amp; Tema</b>		1
<b>Estrutura</b>		4
<b>Informação</b>		4
<b>Vocabulário</b>		4
<b>Frases</b>		4
<b>Ortografia</b>		3
<b>Extensão</b>		-4
<b>Classificação final</b>		20
<b>Observações</b>		

<b>Tipo &amp; Tema</b>	1	tipo de texto e tema de acordo com a instrução
<b>Estrutura</b>	4	com introdução, desenvolvimento com progressão, conclusão, parágrafos
<b>Informação</b>	4	adequada ao tema, correta e coerente
<b>Vocabulário</b>	4	adequado ao contexto e diversificado
<b>Frases</b>	4	construção de frases, articulação entre frases, pontuação corretas e coesas
<b>Ortografia</b>	3	com letras corretas das palavras e uso correto de maiúsculas
<b>Extensão</b>	- 4	dentro dos limites obrigatórios de palavras ou caracteres incluindo espaços

## 7.D. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<b>CITAÇÃO DIRETA</b>	Poder-se-ia por isso dizer que “a modernidade colonial portuguesa está [...] empapada em Gilberto Freyre” (Margarido, 2000: 25). <b>“...” (Apelido, ano: páginas) ...</b>
<b>CITAÇÃO INDIRETA</b>	Tal como afirma Margarido (2000: 25), na modernidade colonial portuguesa predominam as teorias de Gilberto Freyre. <b>... Apelido (ano: páginas) ...</b>

<b>LIVRO</b>	Margarido, A. (2000). <i>A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses</i> . Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. <b>Apelido, Inicial do Nome. (ano). Título da Obra em Itálico. Localidade: Editora.</b>
<b>ARTIGO ou CAPÍTULO</b>	Margarido, A. (2003). Portugal: Um País de Minorias. In Mota, G. (coord). <i>Minorias Étnicas e Religiosas em Portugal. História e Actualidade</i> . Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. pp. 217-230. <b>Apelido, Inicial do Nome. (ano). Título do artigo ou capítulo. In Apelido, Inicial do Nome. (coord/org/ed). Título da Obra em Itálico. Localidade: Editora. pp. do artigo ou capítulo.</b>

- Adam, J. M. (2005). *Les textes, types et prototypes. Récit, Description, Argumentation, Explication et Dialogue*. Paris : Armand Colin [2.<sup>a</sup> ed.].
- Adam, J. M. (2008). *A linguística. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora.
- Alves Martins, M. e Niza, I. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Amor, E. (2004). *Littera – Escrita, Reescrita, Avaliação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Baptista, A., Viana, F. L. e Barbeiro, L. F. (no prelo): *O Ensino da Escrita: Dimensões gráfica e ortográfica*. Lisboa: DGDIC-PNEP.
- Barbeiro, L. (1999). *Os alunos e a expressão escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- ALKON, Daniel. *Memory's Voice*. Nova York: Harper-Collins, 1992.
- ANDERSON, Kristine K. "Revealing the Body Bilingual: Quebec Translation Theorists and Recent Translation Theory". *Studies in the Humanities*, v. 22, n. 1/2, p. 65-75, Dec. 1995.
- ASHER, James J. *TPR Student Kit: 4 in 1*. Los Gatos, CA: Sky Oaks, 1985.
- AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. Editado por J. O. Urmson e Marina Sbisa. Londres: Oxford University Press, 1962/1976.
- BAKER, Mona. *In Other Words: A Coursebook on Translation*. Londres: Routledge, 1992.
- BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. Nova York: Routledge, 1991.

## 7.E. FICHAS TÉCNICAS E ÍNDICE

### INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA GERAL E PORTUGUESA

Organização de Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro,

Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia

Capa: Secção Gráfica da Editorial Caminho

Revisão: Secção de Revisão da Editorial Caminho

© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 1996

Tiragem: 5000 exemplares

Composição: Secção de Composição da Editorial Caminho

Impressão e acabamento: SIG — Sociedade Industrial Gráfica

Data de impressão: Abril de 1996

Depósito legal n.º 98 998/96

ISBN 972-21-1048-9

Copyright © 1999 by Editora UNESP

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da UNESP (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 232-7171

Fax: (0xx11) 232-7172

Home page: [www.editora.unesp.br](http://www.editora.unesp.br)

E-mail: [feu@editora.unesp.br](mailto:feu@editora.unesp.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Cristina Carneiro

Tradução e diferença / Cristina Carneiro. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.  
– (Coleção Prismas / PROPP)

Bibliografia.

ISBN 85-7139-290-0

1. Lingüística 2. Tradução e interpretação I. Título. II. Série.

00-1000

CDD-418.02

**CRIoulos DE BASE PORTUGUESA**

Autora: Dulce Pereira

Design gráfico da capa: José Serrão

Ilustração da capa: Reprodução de uma iluminura da *árvore de gramática* incluída nas *Grammatices Rudimenta*, de João de Barros (c. 1540)

© Editorial Caminho, SA, Lisboa – 2006

Tiragem: 5000 exemplares

Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, Lda.

Data de impressão: Outubro de 2006

Depósito legal: 248 293/06

ISBN 972-21-1822-6

[www.editorial-caminho.pt](http://www.editorial-caminho.pt)

Livro impresso em papel *offset standard*  
da Soporcel, amigo do ambiente

**TÍTULO**

NOVO PRONTUÁRIO ORTOGRÁFICO

**AUTOR**

JOSÉ M. DE CASTRO PINTO

**COLABORAÇÃO**

ANTÓNIO TAVARES

**REVISÃO VOCABULÁRIO DESPORTIVO**

JOSÉ NUNES (JORNALISTA)

**CAPA**

GRAU DE IMAGINAÇÃO

**ARRANJO GRÁFICO**

PLÁTANO EDITORA

**PRÉ-IMPRESSÃO**

PLÁTANO EDITORA

**IMPRESSÃO**

GRAFO, S.A.

**DIREITOS RESERVADOS**



Av. de Berna, 31, r/c esq.º – 1069-054 LISBOA

Telef.: 217 979 278 · Fax: 217 954 019 · [www.platanoeditora.pt](http://www.platanoeditora.pt)

TÍTULO: QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS  
LÍNGUAS – Aprendizagem, ensino, avaliação

COLECÇÃO: PERSPECTIVAS ACTUAIS/EDUCAÇÃO

DIRECÇÃO DE: JOSÉ MATIAS ALVES

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/GAERI

TRADUÇÃO: MARIA JOANA PIMENTEL DO ROSÁRIO

NUNO VERDIAL SOARES

REVISÃO TÉCNICA: MARGARITA CORREIA

© 2001 CONSELHO DA EUROPA

para as edições inglesa e francesa

© 2001 EDIÇÕES ASA

para a edição portuguesa

Esta tradução de *Common European Framework of Reference for  
languages: Learning, Teaching, Assessment*

é publicada com o acordo do Conselho da Europa

DEPÓSITO LEGAL N.º 172 574/01

Dezembro de 2001/1.ª Edição

Execução Gráfica/GRAFIASA



**ASA Editores II, S.A.**

**SEDE**

Av. da Boavista, 3265 – Sala 4.1  
Telef.: 226166030 Fax: 226155346  
Apartado 1035 / 4101-001 PORTO  
PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt

Internet: www.asa.pt

**DELEGAÇÃO EM LISBOA**

Av. Dr. Augusto de Castro, Lote 110  
Telef.: 218372176 Fax: 218597247  
1900-663 LISBOA • PORTUGAL

## ÍNDICE

Nota à edição portuguesa	7
PREFÁCIO	9
NOTAS para o utilizador	11
SINOPSE	17
<b>Capítulo 1</b>	
<b>O Quadro Europeu Comum de Referência no seu contexto político e educativo</b>	19
1.1. O que é o Quadro Europeu Comum de Referência?	19
1.2. Finalidades e objectivos da política linguística do Conselho da Europa	20
1.3. O que é o 'plurilinguismo'?	23
1.4. Porque é o QECR necessário?	24
1.5. Que utilizações para o QECR?	25
1.6. A que critérios deve obedecer o QECR?	26
<b>Capítulo 9</b>	
<b>Avaliação</b>	243
9.1. Introdução	243
9.2. O Quadro como recurso para a avaliação	245
9.3. Tipos de avaliação	251
9.4. Avaliação exequível e metassistema	264
<b>Bibliografia Geral</b>	269
<b>Apêndice A: Desenvolver descritores de proficiência</b>	281
<b>Apêndice B: As escalas exemplificativas de descritores</b>	297
<b>Apêndice C: As escalas DIALANG</b>	311
<b>Apêndice D: Os descritores da ALTE</b>	335



## 8. QUESTIONÁRIOS DE AUTOAVALIAÇÃO

O conhecimento da percepção que os/as estudantes têm acerca dos seus conhecimentos e competências pode contribuir para a **regulação da intervenção** do/a professor/a. Além de darem a conhecer a sua opinião acerca de si, das suas necessidades e das suas aprendizagens, os/as estudantes refletirão também acerca dos seus percursos de desenvolvimento linguístico-comunicativo.

No contexto da educação linguística de estudantes internacionais africanos, é particularmente relevante identificar o seu **repertório linguístico**, a sua língua materna e as restantes línguas faladas enquanto línguas segundas ou estrangeiras. Se esta informação é relevante, é também informação difícil de obter, seja porque a diversidade linguística dos países em questão nem sempre está plena e consensualmente definida, seja por causa da própria atitude dos estudantes relativamente a essa diversidade e às suas práticas quotidianas.

Para aprofundar o conhecimento acerca dos/as estudantes, propõem-se três questionários a responder pelos/as estudantes sobre:

- 8.A.** Repertório linguístico ou práticas linguísticas quotidianas no país de origem, não de acordo com contextos, mas segundo o interlocutor, sem nenhuma qualificação do estatuto das línguas e com as principais línguas faladas nos cinco PALOP;
- 8.B.** Dificuldades linguístico-comunicativas sentidas pelos/as estudantes, em que cada dificuldade corresponde a um ou mais capítulos dos recursos didáticos propostos, tendo em vista a planificação da intervenção do/a professor/a;
- 8.C.** Percepção do impacto de cada atividade nas aprendizagens dos/as estudantes, de modo a regular futuras intervenções do/a professor/a.

## 8.A. REPERTÓRIO LINGUÍSTICO

Nome do/a estudante									
país de origem com	Irmãos/ãs	Mãe	Pai	Outros/as familiares	Vizinhos/as	Amigos/as, colegas	Professores/as	Desconhecidos/as	Outros/as
<b>Balanta</b> Balanta	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Crioulo Caboverdiano</b> Kriolu Kabuverdianu	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Crioulo Guineense</b> Kriol Guinensi	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Forro</b> Lungwa	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Francês</b> Français	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Fula</b> Pular	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Inglês</b> English	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Macua</b> Emakhuwa	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Manjaco</b> Nandjaku	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Português</b>	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Quimbundo</b> Kimbundu	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Ronga</b> Xirhonga	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Umbundo</b> Umbundu	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Outra</b> Qual?	X	X	X	X	X	X	X	X	X

## PORTUGUÊS ACADÉMICO

### Diagnóstico de Dificuldades

		Dificuldade			
		Nenhuma	Pouca	Alguma	Muita
<b>A</b>	Compreender aquilo que os professores portugueses dizem durante as aulas: sotaque, expressões populares...	1	2	3	4
<b>B</b>	Tirar apontamentos enquanto o professor fala	1	2	3	4
<b>C</b>	Preparar com antecedência intervenções orais durante as aulas: exposição oral, debate...	1	2	3	4
<b>D</b>	Compreender leitura silenciosa individual: textos, perguntas, exercícios...	1	2	3	4
<b>E</b>	Compreender e utilizar a informação transmitida através de imagens, mapas ou gráficos	1	2	3	4
<b>F</b>	Distinguir gramaticalmente o género (m/f), o número (s/p), a pessoa (1/2/3) e o tempo (passado, condicional) das palavras dum texto	1	2	3	4
<b>G</b>	Escrever o resumo dum texto	1	2	3	4
<b>H</b>	Escrever um texto a partir de informação retirada de diferentes fontes consultadas	1	2	3	4

## 8.C. AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES

PORTUGUÊS ACADÊMICO Avaliação das Atividades		Efeito positivo			
		Nenhum	Pouco	Algum	Muito
1	Língua pluricêntrica: variantes nacionais do português	1	2	3	4
2	Sons do português de Portugal	1	2	3	4
3	Expressões idiomáticas portuguesas	1	2	3	4
4	Apontamentos	1	2	3	4
5	Texto argumentativo e texto expositivo	1	2	3	4
6	Exposição oral	1	2	3	4
7	Debate	1	2	3	4
8	Enunciado de exame	1	2	3	4
9	Leitura de imagens, tabelas e textos escritos	1	2	3	4
10	Resumo	1	2	3	4
11	Texto com várias fontes	1	2	3	4
<b>A. Os três aspetos MAIS positivos da unidade curricular</b>					
1.					
2.					
3.					
<b>B. Os três aspetos MENOS positivos da unidade curricular</b>					
1.					
2.					
3.					

## BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (2004) *Dicionário Terminológico*. Lisboa: Ministério da Educação. <http://dt.dge.mec.pt/>
- Álvarez, M.L.O. (2001). Dicionário de Expressões Idiomáticas ou Dicionário Fraseológico?. *Línguas & Letras*, 83-96. Paraná: Unioeste.
- Azeredo, M.O., Pinto, M.I.F.M. e Lopes, M.C.A. (2010). *Da Comunica o   Expressão. Gramática Prática de Portug es*. Lisboa: Lisboa Editora.
- Block, G. (2004). *Legal Writing Advice: Questions and Answers*. Nova Iorque: William S. Hein Publishing.
- Burger, H. (2003). *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Berlim: Erich Schmidt Verlag.
- Ceia, C. *E-Dicionário de Termos Literários*. <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>
- Chomsky, N. (1980). *Rules and Representations*. Oxford: Basil Blackwell.
- Crystal, D. (1980). *A First Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Londres: André Deutsch Limited.
- Cunha, C. e Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Portug es Contempor neo*. 17.  ed. Lisboa: Edi es João S  da Costa.
- Dubois, Jean e outros (1978). *Dicionário de Ling stica*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Eliseu, A.S., Cardeira, E.M. e Malagueiro, S. (2008). *Enciclopédia do Estudante 13. Língua Portuguesa I*. Carnaxide: Santillana Constância.
- Eliseu, A.S., Cardeira, E.M. e Malagueiro, S. (2008). *Enciclopédia do Estudante 14. Língua Portuguesa II*. Carnaxide: Santillana Constância.
- Everaert, M. (1995). *Idioms: Structural and Psychological Perspectives*. Nova J rsia: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Ferreira, T.S., Cardoso, I. e Melo-Pfeifer, S. (2019). *Gramática de Portug es Língua Não Materna. Níveis A1 e A2*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, T.S., Cardoso, I. e Melo-Pfeifer, S. (2019). *Gramática de Portug es Língua Não Materna. Níveis B1, B2 e C1*. Porto: Porto Editora.
- Gasser, M. (2006). *How Language Works: The Cognitive Science of Linguistics (edition 3.0)*. Indiana: Free Software Foundation.
- Gonçalves, P. (2013). O portug es em África. Raposo, E.B.P. & outros (orgs). *Gramática do Portug es, vol. I*. Lisboa: Funda o Calouste Gulbenkian. pp. 157-178
- Faria, I.H., Pedro, E.R. e Gouveia, C. (1996). *Introdu o   Linguística Geral e Portuguesa*. 1.  ed. Lisboa: Editorial Caminho.
- International Working Group on Non-Dominant Varieties of Pluricentric Languages. *What is a pluricentric language?* [www.pluricentriclanguages.org](http://www.pluricentriclanguages.org)

- Louceiro, C., Cruz, E.C.V. & Ferreira, E. (1997). *7 Vozes. Léxico coloquial do português luso-afro-brasileiro*. Lisboa: Lidel.
- Marcuschi, L.A. (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- Martinich, A. (1984). *Communication and Reference*. Nova Iorque: Walter de Gruyter & Co.
- Muhr, R. (2012). *Non-Dominant Varieties of Pluricentric Languages. Getting the Picture: In Memory of Michael Clyne*. Frankfurt: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag der Wissenschaften.
- Oliveira, G.M. (2016). O sistema de normas e a evolução demolinguística da língua portuguesa. Álvarez, M.L.O. e Gonçalves, L. (orgs.). *O Mundo do Português e o Português no Mundo afora: especificidades, implicações e ações*. Campinas: Pontes. pp. 25-43
- Pinto, P.F. & Matias, A.R. (2018). Trovoada de Ideias: Português Académico para Estudantes dos PALOP. *Anais do Simpósio SIPLE 2017*. Londrina, Brasil: Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira. pp. 362-370
- Pinto, P.F. & Melo-Pfeifer, S. (coords) (2018). *Políticas Linguísticas em Português*. Lisboa: Lidel.
- Pinto, P.F. (2013). Intervenção não-formal de inclusão de estudantes angolanos. Novos desafios, novas realidades, novas respostas. *Medi@ções 1, vol.2*. Setúbal: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. pp. 45-63
- Rey, B. (2007). Cultura escriptural e identidade pessoal. *Palavras 32*. Lisboa: Associação de Professores de Português. pp. 23-37
- Strässler, J. (1982). *Idioms in English: A Pragmatic Analysis*. Tübinga: John Benjamins Publishing Company.
- Val, M.G.C. (1991). *Redação e Textualidade. 1.ª ed.* São Paulo: Martins Fontes.

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

Trovoada de Ideias: recursos didáticos de Português Académico  
para estudantes internacionais dos PALOP

### AUTOR

Paulo Feytor Pinto

### COLABORAÇÃO

Pedro Martins  
Ana Raquel Matias

### REVISÃO CIENTÍFICA

Lúcia V. Soares  
Luísa Solla  
Mariana Killner

### DESIGN GRÁFICO

Inês Mateus

ISBN 978-972-8048-44-0

DEPÓSITO LEGAL 465953/20

CIES Centro de Investigação e Estudos de Sociologia  
ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa  
Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal

APEDI Associação de Professores para a Educação Intercultural  
R. José Felicidade Alves, 12A, 1070-361 Lisboa, Portugal

Cofinanciado pelo Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração,  
do Alto Comissariado para as Migrações

Janeiro de 2020

**cies** \_iscte



FUNDO  
ASILO, MIGRAÇÃO  
E INTEGRAÇÃO

**iscte**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**CELGA**  
-ILTEC  
Centro de Estudos de Linguística Geral  
e Aplicada da Universidade de Coimbra

**SGMAI**  
SECRETARIA  
GERAL  
MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA



# TROVOADA DE IDEAS

O ENSINO SUPERIOR PORTUGUÊS é atualmente o principal destino de estudantes internacionais oriundos dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa onde o português é falado. Uma das razões para a escolha de instituições portuguesas por estes estudantes africanos é o facto de a língua de ensino em Portugal ser a mesma língua em que fizeram o ensino básico e o secundário nos seus países de origem. Porém, estes estudantes cedo experimentam dificuldades de intercompreensão com a comunidade académica, por serem fluentes em normas africanas do português e por terem pouco contacto anterior com o português europeu falado espontaneamente no quotidiano. Acresce ainda o facto de, durante a sua experiência escolar de 12 anos em português, nos países de origem, estes estudantes não terem desenvolvido muitas competências linguístico-comunicativas exigidas pelo ensino superior português.

Neste livro apresentam-se os recursos didáticos que foram produzidos e experimentados no contexto do projeto de investigação-ação *Trovoada de Ideias, Inclusão Linguístico-social de Estudantes dos PALOP no Ensino Superior Português* (2016-2020), uma parceria entre o CIES-IUL e a APEDI, para estudar e intervir nesta complexa realidade sociolinguística. Trata-se de recursos didáticos, para professores/as de Português do ensino superior. O objetivo é contribuir para o aprofundamento de competências de compreensão oral e escrita do português europeu e de produção oral e escrita de textos académicos, e do conhecimento explícito sobre a estrutura e o funcionamento das normas africanas e europeia da língua portuguesa, desenvolvendo atitudes positivas perante a diversidade e a variação linguística. Os capítulos do livro, os temas dos conjuntos de recursos didáticos, são: pluricentrismo da língua portuguesa, sons do português europeu, expressões idiomáticas, apontamentos, textualidade, tipos de textos, produção de géneros textuais escritos e questionários de autoavaliação.